



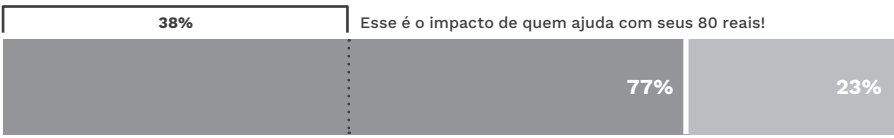
RelevO

Julho de 2026 // número 12 // ano 16
ISSN 2525-2704 // Periódico literário
independente feito em Curitiba-PR desde
setembro de 2010



DOS CUSTOS DA VIDA

RECEITA BRUTA



ASSINATURAS ● R\$ 10.320

R\$ 10 Cristina de Souza Santana; R\$ 40 Priscila Iglesias Rosa; R\$ 50 Guilherme Gontijo Flores; R\$ 80 Victor Almeida de Souza Santos; Helena Salgado; Marília Mezzomo; Flávio Sanso; Paulo Apgáua; Fabiano Faga Pacheco; Fernando de Oliveira Sikorski; Cassio Pereira; Breno Luís Deffanti; Bárbara Rufino; Carolina Heleno; Rodrigo Mendes; Michael Augusto Hofstaetter; Sabrina Nunes; Letícia Brudeck; Lausi Rene Barcellos Junior; Natanael Oliveira do Carmo; Thainá Carvalho Costa Xavier; Davi Melo Silva; Feliciano Tavares Monteiro; Rozana A. Gastaldi Cominal; Will Borges; Marina Gobetti Alves; Julio Cesar de Lima; Nílbio Thé; Dioniso Freire Ferreira; Klaus Pettinger; Geovana Chiare Rinaldi; Dina Dominick; Oslei Bega Junior; Caique Moreira; Julia Raiz do Nascimento; Alexandre Senechal; Lucas Freitas da Rosa; Rafael Gayer; Lucas Mendes; Ivan Justen Santana; Sérgio Aral; Claudio César Cunha Jr.; Thomas Fournier; Luccas Quadros; Wesley Loose Ludtke; Luiz Arthur Montes Ribeiro; Gustavo Scussel; Analice Leonardi; Lycio Ribas; Kitty Yoshioka; Marcos Sobral; Claudio Boczon; Rosana Almeida; Hendryo André; Luciana Xavier Neves; Letícia Bastos Böer; Helena Marlo; Guilherme Mariano; Sara Tavares; Renata Weber; Otavio Ribeiro; Maria Eduarda Fontana; Vanessa Fagundes; Yuri Campagnaro; Jeverson Machado do Nascimento; Mauro Moraes; Amanda Vital; R\$ 100 Rômulo Cardoso; Heliberton Cesca; Elza de Oliveira Filha; Rômulo Cardoso; Luiz Gustavo Martins; Fabíola Fontana; Carlos Pessoa Rosa; Sissa Stecanella; R\$ 120 Gustavo Simas da Silva; Alan Gruba Barbosa; Tiago Gavião; Felipe Petri; Kelem Tavares; Larissa Luz; Thaineh Emily Alves de Souza; Giovanna Durski Dal Pozzo; Ana Rojas; Maximiliano Kunrath; R\$ 160 Fernando Soares; Thassio Ferreira; Diogo Richter; Cassio Pereira; Daniel Babalin; Luís Felipe Mayorga; João Gonçalves; Talles Azigon; Lucas Nogas; Caroline Giraldes Lopes; Thiago Andrade; José Carlos Fernandes; R\$ 170 José Carlos da Silva; R\$ 200 Consolação Buzelin; R\$ 240 Alex Zani; R\$ 250 Rinaldo Batista Pereira; R\$ 320 Daniel Martini.

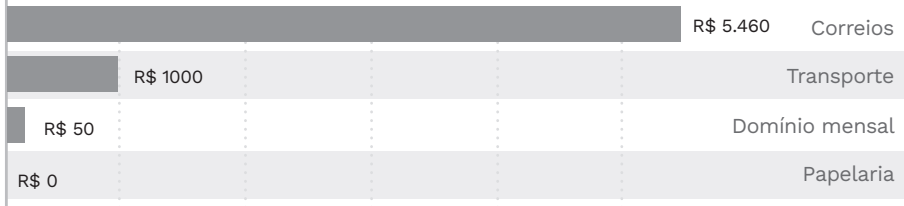
ANUNCIANTES ● R\$ 2.920

R\$ 50 Rede Macuco; R\$ 70 Luiz Gustavo Vicente de Sá; R\$ 100 Alvaro Divardin; André Giusti; Museu do Livro Esquecido; R\$ 200 Flávio Sanso; R\$ 300 Elisa Goltz; R\$ 350 Allejo; R\$ 450 Maniacs; R\$ 600 Burocrata Carimbos; Silas Corrêa Leite.

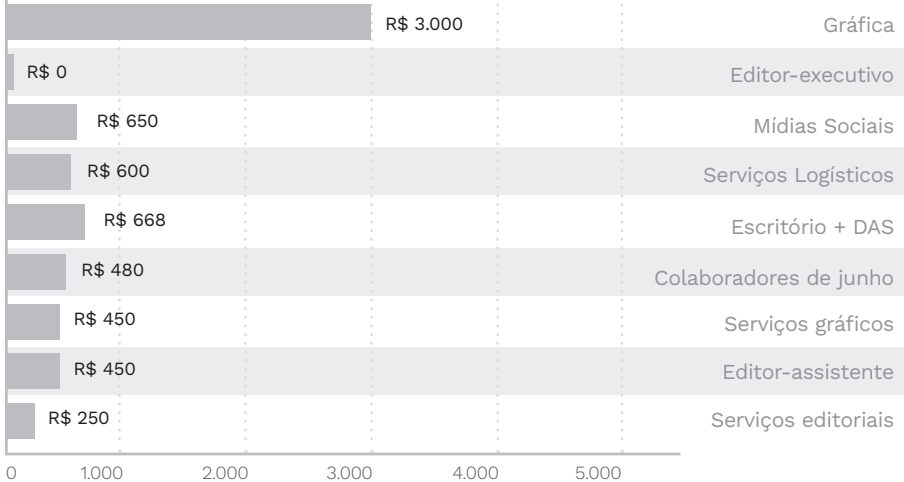
CONSULTORIAS ● R\$ 0

DESPESAS DO MÊS

CUSTOS ADMINISTRATIVOS E VARIÁVEIS



CUSTOS FIXOS



COPA DO MUNDO É MUITO LEGAL. DEVERIAM INVENTAR UM ESPORTE BASEADO NESSE EVENTO

Entradas totais: R\$ 13.240

Saídas totais: R\$ 13.485

Resultado operacional: R\$ -245



EXPEDIENTE

Julho 2026



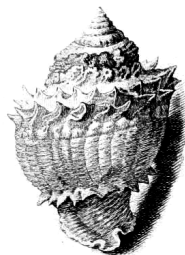
Editor Daniel Zanella
Editor-assistente Mateus Ribeirete
Ombudsman Priscila Branco
Revisão Às Vezes
Projeto gráfico Bolívar Escobar
Logística Damaris Pedro
Advogado Rafael Estorilio
Impressão Gráfica Exceuni
Tiragem 5.000

NESTA EDIÇÃO

Jonas de Souza Martins p.6 Gustavo Scussel p.8 Renata Weber p.10 Teresa Wilms Montt (Trad. JC Petermann) p.18 Mary Oliver (Trad. Ana Alice Kohler) p.20 marina w p.21 Maurício Simionato p.22 T.S. Eliot (Trad. Paulo Mendes Campos) contracapa

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Fernanda Dante
Nuno Rau



Edição finalizada em 30 de junho de 2026.



DAS OBRAS

As ilustrações da edição são de Paulo Apgaua. Você pode conhecer mais do trabalho deles em [instagram.com/pauloapgaua](https://www.instagram.com/pauloapgaua).



TIPOGRAFIA

A fonte usada para os títulos desta edição é a Vinila, um projeto da tipógrafa brasileira Flora de Carvalho.

ASSINE / ANUNCIE

O Relevo não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes



e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

PUBLIQUE

O Relevo recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O Relevo recebe ilustrações. O Relevo recebe fotografias. O Relevo aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.



CARTAS

PRESERVAÇÕES

Giulia Skieres • Um dos principais desafios atuais para quem gosta de literatura e vive ela é, muitas vezes, o próprio mundo literário. Isso sem pôr em pauta o imediatismo e o consumismo tecnológico. Existe uma divisão imposta inconscientemente ou talvez bem consciente do que é ou não literatura, sobre o que e quando falar, uma exigência por certa padronização e disputa por um lugar onde obras, escritores e leitores nem ao menos sabem nomear o que é. Por vezes, se torna muito desanimador pensar em viver do mundo literário como um todo, os números e alguns dos comentários das cartas do Jornal nos mostram isso. Sem contar que gerações estão crescendo com experiências e contato literário cada vez mais limitado, mais curto, resumido. Acredito que cada um que escreve ou lê, no fundo, busca preservar o prazer que é imaginar, viver, descrever e sentir uma nova história. Ao buscarmos livros e leituras pessoais, podemos criar estantes de um mundo só nosso, mas, ao incentivarmos a disseminação da literatura, esperamos que cada um encontre e descubra o seu mundo particular ou ao menos tenha acesso aos milhões de mundos possíveis. Com isso, saliento aqui a importância e o privilégio de termos o Jornal **RelevO**, que **SOBREVIVE** ao tempo e ainda de forma impressa. Que não limita escritores, estilos e obras, onde o humor anda junto com a seriedade dos nossos tempos. Sem impor, é um jornal literário. Quero deixar registrado a minha admiração e respeito pela nossa ombudswoman, Priscila Branco, pelos comentários e retornos sempre muito cirúrgicos, independentemente de quem ou do que se trata. E mais: peço que leiam e releiam o texto de Tamiris Volcean na edição de fevereiro. Enfim, foi um momento que separei para dedicar essas palavras após os sagrados 20 minutos de leitura, as quais confesso que possam estar um pouco atrasadas, acompanhada de um café sem açúcar ou de uma cerveja, quem vai saber, talvez sirva de alguma coisa ou talvez não. Jornal, espero que o seu alcance e dimensão se torne cada vez maior, não somente para fechar o mês no positivo, mas, principalmente, para continuar alimentando as nossas almas famintas de novas histórias, sendo elas de um prostíbulo ou não. Que a descoberta e o prazer continuem chegando a nós, meros leitores mensalmente ansiosos.

Thaineh Souza • Admiro o Jornal há um bom tempo e agora consegui juntar umas moedinhas para contribuir. Espero que eu consiga estar sempre apoiando. Todo mês eu leio e vou passando as edições pra frente, pra amigos de fora, minha família que mora em MG... Então, podem me considerar uma re-distribuidora hehe. A última edição que peguei em um sebo entreguei para uma colega de trabalho que mora no interior do Pará! Parabéns pelo trabalho sempre! Bom fim de semana.

Fernando Mafra • Olá, Jornal! Tudo certo? Por ora, não consigo renovar. Tive alguns contratemplos financeiros e, infelizmente, estou cortando alguns custos. Fico triste, pois sou um admirador do trabalho. Que continuem com forças e ganas! Abraço!

Vanessa Fagundes • Volto e com sangue nos olhos! Após meses afastada da leitura, por razões de uma reforma infundável na casa, tive o enorme prazer de retomar com a edição especial da Copa (cuja surpresa destaquei em stories no Instagram). Agora segue uma crítica nem um pouco suave a um texto da edição de maio. Lendo o texto do Diogo Santiago na edição, tive a conhecida sensação de “dar um passo atrás” para analisar a real intenção

do autor. Tomo como lema de vida não acreditar no óbvio que está sendo dito e sempre procurar pelo intuito velado. No caso do texto dele, embora haja afirmação explícita de que não haveria crítica ao argumento -do autor do texto que ele resolveu atacar-, mas à linguagem, fica evidente para qualquer leitor menos tapado que a crítica é justamente ao argumento. Como Diogo mesmo fala, clareza demais é exagero, porém, me incomoda quando o que se oculta -também demais- é a tentativa de ridicularização do argumento, pela ridicularização da linguagem. Deslealdade intelectual? Talvez. Ou apenas incapacidade de argumentar sobre o ponto central, como ele mesmo disse (leu o babado x vezes e, ainda assim, não entendeu as sutilezas). Acho críticas abertas muito saudáveis, mas repudio críticas veladas, pois, além de fugirem ao seu papel principal - que é estimular o raciocínio honesto-, também deixam aquela sensação de nadar no raso, perda de tempo... verborragia que fala? Engraçado que ele finge atacar a verborragia alheia. Acho que isso está em “Arte da Guerra”, não? Enfim, só queria dizer que percebi... e não gostei. Nem tanto pela crítica (mal disfarçada e vazia) ao texto direitista que ele não engoliu, mas à falta de coragem - ou capacidade - de assumir a real intenção do próprio texto. Ah, uma dica final: ficar repetindo que é inculto para ganhar alguma simpatia do leitor, já está muito manjado.

Jonathan Nascimento • Queridos, não sei qual é o nível de democracia aqui, mas me junto à leitora Talita Almeida na luta contra a bio dos autores (nada contra quem propôs a mudança: a queridíssima ombudswoman, cuja coluna degustou com satisfação em todas as edições). Acrescento um argumento à causa: essa gente metida a escritor tende a ser insuportável quando alguém lhe dá atenção (finalmente uma classe da qual tenho lugar de fala para criticar à vontade). Logo após conquistar um disputadíssimo espaço no jornal para se promover por meio da bio, começará uma busca pela ampliação dos direitos: parágrafos para dedicatória, agradecimentos e uma nunca suficientemente breve introdução sobre como a pessoa começou a escrever, desde criancinha, inventando suas histórias de ficção para passar o tempo. Era melhor não abrir essa porta. Sincero abraço!

Elisama Araújo • Olá, querido Jornal, finalmente chegou minha edição de maio. Achei engraçado porque me ficou marcado as palavras da ombudsman “pra quê a pressa se o jornal não conta notícias atuais? É um jornal literário”, e eu pensei “é verdade, não precisa de imediatismo”. Pois passei maio ansiosa para receber o Jornal, e ele, que nunca atrasou, dessa vez atrasou muito. Vai entender. Hoje é véspera de feriado e eu aqui lendo e pensando “parece que eu tô lendo conteúdos de dentro da cabeça dos meus pacientes. Cada texto parece um transtorno diferente”. Viajei nesse texto do elefante kkk nota 10! Amo o jornal. Um beijo!

Diogo Richter • Fala, Jornal. Tudo bem? Estou há mais de 6 edições sem sequer abrir a edição do mês devido à correria... mas não deixo de apoiar o **RelevO**. Coisa rara ler algo em papel com texto de gente culta. De quebra, tento ajudar um pouco a fazer esse periódico chegar nas mãos de mais gente boa. Abraço e sucesso!

Milton Rezende • Caro Jornal, tempos atrás eu fiz uma assinatura de cortesia para a Biblioteca da minha cidade, Ervália (MG), que, creio, já deve estar vencendo ou a vencer proximamente. Infelizmente, não vou seguir com a assinatura, pois, em conversa com a bibliotecária, ela me falou que os jornais

mensais que chegam regularmente não despertam qualquer interesse (diga-se, a bem da verdade, não por ser ruim ou digno de atenção, mas por uma carência intelectual dos usuários, pouco afeitos à leitura... o que é triste perceber, mesmo em grande escala, de um país pouco afeito à leitura e à literatura, por extensão. Assim, não vale a pena prosseguir com a assinatura que ninguém vai ler. Sinto muito, mas desejo toda força e toda garra que sei que vocês têm de sobra, a julgar por essa luta difícil por tanto tempo. É uma baita resistência, que eu admiro e estímulo para que não se deixe abater. Vida longa, portanto, ao RelevO. Abraços!

EDIÇÃO DA COPA

Maurílio Montanher • Só queria dizer que a edição da Copa do Mundo ficou incrível, especialmente pela curadoria das poesias de cada país. Inclusive, li algumas delas no meu aniversário para os convidados, e isso nos proporcionou um momento muito especial. Não acredito que o Canadá vá levantar a taça, mas deixo um destaque para “Uma Ausência em Forma de Reposa”, que achei sublime. Já tive a alegria de publicar dois contos no **RelevO** e saí dessa leitura inspirado a experimentar algo diferente e submeter uma poesia também.

Monique Portela • Pode anúncio com mensagem de amor tipo correio elegante? Quero me declarar.

Da redação: Aconteceu!

Felipe Gollnick • Eu adoro as enrascadas que o RelevO se enfia por conta própria sem ninguém pedir.

Raisa Boing • Trabalho incrível!

Wesley Loose • Que beleza! Conheci o **RelevO** na edição da Copa de 2022.

Renata Von-Grapp • Que publicação perfeita em todos os aspectos.

Gustavo Simas • Oi, Jornal! Que bom, ainda não é automatizado o processo de assinatura, funcional! Descobri o **RelevO** pelo Salvador Vegan Café, em Joinville, e me fisgou. Prosperidade nas produções e abraços.

Junior Henrique • Olá, Jornal! Como vai? Espero sempre ao término da minha assinatura do **RelevO** seu email convidando-me a continuar a fazer parte da confraria dos leitores de jornal de papel. Desta feita, nada feito! Recebo uma mensagem automática obrigando-me a baixar um app se quiser continuar tendo o prazer tátil de ler e cheirar o **RelevO** mensalmente. Me nego! Mesmo porque quero saber se você está bem, por que não me escreveu, talvez um hacker assumiu o jornal... Vou esperar resposta a este email para renovar minha assinatura, como sempre faço, via transferência direta do valor, ou seja, via pix. Desculpe a ranzinze e a minha... Como se chama não aderir às novidades assim que elas aparecem? Um abraço, e espero que esteja bem. P.S. Renovada minha assinatura, não esqueça de me mandar a edição de maio. Além de ler, coleciono.

Ugra Press • A gente adora o Jornal por aqui e nossos clientes também. Sabemos que vocês fazem no aperto pra dar conta de todos os gastos e é uma iniciativa guerreira.

Nil Cruz • Oiiiee! Ontem eu fui na Livraria Dom Quixote, em Vilhena-RO, encontrei uma edição e fiquei maravilhado.

Sebo Cheiro de Livro • Oie, bom dia! Acabamos de receber a edição desse mês aqui em Vitória-ES. Já lemos a do mês passado e adoramos 🥰 Queremos agradecer pela lembrança e gostaríamos de nos informar sobre como se tornar um ponto de distribuição aqui no Centro de Vitória?

Greyce • Bom dia, o jornal de maio chegou aqui. Na verdade, eu não esperava, fico triste que o jornal fechou no vermelho esse mês. Quando eu puder, retorno com a assinatura. Depois que ler, vou entregar o exemplar do mês a alguém de Letras que talvez não conheça-os. Abraços!

Rinaldo Batista • Sugestão para agradar a grego (não publicar bio, para evitar aumento de gastos) e troiana (publicar bio, para ter dados analíticos): o jornal abrirá uma opção para quem queira doar valores, além da assinatura. Há de convir que R\$ 80 por 1 ano de assinatura é demasiadamente pouco para o tamanho das necessidades básicas; por isso o vermelho todo mês. Abril: -R\$ 174 ! Penso que o **RelevO** merece apoio. Adorei a edição especial da Copa, com textos nacionais de cada país concorrente. Gostei também da taça erguida por alguém de mãos com unhas pintadas.

Eduardo Souza Lima • Parabéns! Trabalho do caralho!

Rodrigo Favarete • Opa, amigos. Só avisar que chegou hoje o jornal aqui em Portugal. Tudo certo, tá aqui separadinho pra ler mais tarde. Valeu de novo pelo esforço de mandar pra cá. O malote tava com o durex solto, talvez alguém tenha lido? Mas não deixaram feedback.

Damaris Pedro • Seu Sérgio foi o grande contribuinte para essa loucura que é o **RelevO**. Mereceu esta linda capa da edição de junho.

René Licht • Dor imensa é sinal de que houve amor imenso. O que fazer agora? Focar a presença do amor. O amor cura tudo, até a dor da perda.

Rebecca • Chorei com o texto do editor Daniel Zanella sobre seu pai. Um registro sensível que ultrapassa a memória familiar, alcança a dos leitores e lhe concede uma permanência serena entre nós, já sem dor.

Daniel Montoya • Linda demais esta edição de junho! Linda homenagem, mestres. Me emocionou. A vida é foda. Agora, Daniel Zanella jogador de futebol, essa foi novidade.

Marcelo Ribas • Vida longa ao nosso querido RelevO!

Maximiliano Kunrath • Parabéns pelo trabalho! É um alívio pegar um material em papel, físico, com textos e ilustrações autorais, em tempos de excesso de telas e IA. A diagramação é linda, sempre uso de exemplo nas minhas aulas. Abraço!

Jornal ACena • Vida longa ao nosso querido RelevO!

MORTE E VIDA JORNALEIRA
Adriano Cazarré • Repararam que metade do Jornal de junho virou obituário sentimental? Mal terminava um texto sobre quem morreu e já começava outro sobre quem também morreu. Literatura, pelo visto, agora só existe depois do falecimento. Se continuar assim, vou renovar minha assinatura só quando morrer.



APOIADORES



Em dúvida sobre suas próximas férias?



EDITORIAL

Formas de convencimento e de frustração

Depois de um tempo, o assinante do **RelevO** acaba descobrindo um segredo. Demora um pouco, mas acontece: não gostamos de confirmar expectativas. Dia desses, Edson Aran, jornalista, escritor e um dos principais editores de revistas do país, alegou que uma publicação precisa entregar ao leitor não só aquilo que ele espera encontrar, mas também o que ele jamais esperava encontrar. Parece simples. Não é.

Certamente, quem assina um jornal de literatura espera bons textos, autores interessantes, algum humor, talvez uma provocação. Isso é o combinado. Contudo, se uma edição apenas confirma as expectativas, ela termina de ser lida no instante em que é fechada, como se fosse aquele hábito de tomar o mesmo drink no mesmo estabelecimento há anos — o que não é de todo ruim.

Esse talvez seja o maior privilégio do papel. Diferentemente das plataformas digitais, que trabalham para devolver ao leitor versões cada vez mais rasas de seus próprios interesses, um jornal pode colocar lado a lado um clássico e um estreante, um poema e um ensaio, uma crônica e uma piada de gosto discutível. Não porque um algoritmo concluiu que aquilo combina, mas porque um editor resolveu apostar na convivência entre eles, ou até mesmo (involuntariamente talvez) selecionou uma série de textos que, impressos, parecem contar uma narrativa conjunta.

Há outra vantagem, talvez menos confortável. Um jornal não precisa funcionar como um espelho. A literatura não precisa sempre concordar conosco. Às vezes irrita, às vezes desafia, às vezes faz o leitor pensar: “quem foi o irresponsável que resolveu publicar isso?”. Esperamos que, em algumas ocasiões, a resposta seja: nós. Vivemos um tempo em que quase tudo foi organizado para reduzir atritos. As plataformas aprendem nossos gostos, escondem o que provavelmente rejeitaríamos e alimentam a agradável sensação de que estamos certos sobre tudo. É um serviço eficiente... e entediante.

O **RelevO** prefere correr o risco contrário. Em vez de servir apenas como um viés de confirmação impresso, tenta produzir pequenas diferenças e associações. Não por espírito de contradição, mas porque a literatura raramente cresce em terreno perfeitamente adubado pelas certezas. Um texto que desagrade também pode ampliar repertório. Um autor de quem você discorda pode escrever uma frase que ficará na sua cabeça por semanas. E uma edição da qual você gostou só 78.4% (numa métrica totalmente quantificável, portanto infalível, afinal essa é a correlação do mundo, não?) talvez tenha feito mais por você que aquela da qual gostou 100% (★★★★★ na avaliação do *app*).

É nesse espaço de liberdade que o **RelevO** existe. Cada edição tenta honrar aquilo que o leitor veio buscar, mas reserva algumas páginas para fazê-lo encontrar o que ainda não sabia que queria ler. E, de vez em quando, aquilo que ele tinha absoluta convicção de que não queria ler. Se você já percebeu isso, está tudo certo. Descobriu o nosso segredo. O restante do trabalho consiste em escondê-lo novamente no mês seguinte.

Uma boa leitura a todos.



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com

Não entendemos nada de futebol.

Entendemos da *palavra que falta* na hora do gol.

Portal Fazia Poesia

fazia.
poesia

Para quem também procura a palavra certa.

faziapoesia.com.br



**BONS
VENTOS**
trazem
**BOAS
LEITURAS**



EDITORIA MOÍNHOS
.COM.BR

© EDITORIA MOÍNHOS

Reflexões sobre uma escrita humana

Priscila Branco

Estamos vivendo talvez um ponto de virada de chave para a humanidade (como é catastrófico e clichê falar dessa forma tão especista) no que tange à produção artística e literária, e mais especificamente no que se refere à autoria. Para o ser humano, enquanto a produção científica, intelectual e cultural for dominada por nós, tudo bem. Ao mesmo tempo, assassinamos e colocamos animais em cativeiro, torturamos, usamos os bichos para nos servir. Mas muitos dizem que é a Inteligência Artificial o maior problema dos últimos tempos, não nossa atuação destrutiva no mundo e na natureza e nossa completa falta de empatia e piedade pelas outras espécies.

Começo dessa forma um tanto polêmica, colocando o dedo no nosso narcisismo exacerbado e no nosso egocentrismo bizarro, para tentar deslocar um pouco a discussão sobre a Inteligência Artificial para nossa responsabilidade social e de seres que habitam o universo com muitos outros seres. Dito isso tudo, por que ainda defender textos literários completamente autorais, por que defender um jornal impresso, por que lutar pela literatura enquanto expressão humana?

Entendendo que não faço aqui uma defesa da humanidade versus o mal profundo das Inteligências Artificiais que irão nos dominar e acabar com a sociedade, venho falar sobre nossas experiências vividas e inventadas, a beleza de aprender com os animais e poetizar, a possibilidade de sentir o cheiro do jornal e aprender, com o outro, um pouco sobre sua forma de escrever e fazer a experiência circular.

Partindo do ponto de que todo texto literário é feito de escolhas de palavras, temáticas, cortes e sentidos, buscamos sempre na leitura um ponto de vista muito singular. Afinal, Clarice Lispector escreveu sobre uma barata e Kafka também. Mas como essas baratas são diferentes! E como jamais seriam as mesmas baratas se esses autores tivessem escolhido o apoio de uma Inteligência Artificial para escrever seus livros. Não faço o julgamento se esses livros seriam melhores ou piores, mas certamente não teriam sido escritos da mesma forma.

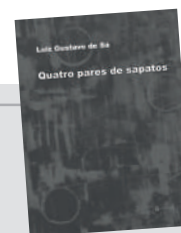
Portanto, quando escolhemos um jornal impresso de literatura como o RelevO, estamos em busca de duas coisas principalmente: primeiro, o gesto de ter nas mãos um objeto que passa por muitas outras mãos até chegar em nós; segundo, escolhas humanas desde a produção textual dos autores com suas pequenas pausas e palavras específicas até a curadoria e a edição, também humana, feita pelo editor. Escolhas falhas, belas, às vezes cansadas, às vezes animadas, mas que, no final das contas, vão conversar e muito com nossas também falhas e solidões enquanto seres que habitam esse mundo e tentam sobreviver por meio da linguagem.

Uma Inteligência Artificial pode ser rápida, perfeita e eficaz. Dessa forma, deve aumentar o lucro de muitas empresas, inclusive do meio editorial brasileiro. Agora um release é feito na velocidade da luz, um post de divulgação para o Instagram sai em segundos. Não estou fazendo juízo dessas escolhas. Mas, quando abro um jornal literário, quero ler textos de pessoas de carne e osso, aprender com seus erros

e suas confusões. Por isso acho também estranho jornalistas que decidem pegar sua opinião e jogar na IA, como no caso da discussão que foi aberta na *Folha de S. Paulo*. O texto ensaístico e jornalístico também não é feito de escolhas de frases, de expressões? Não é por isso que escolho ler aquela pessoa ou aquela outra? Qual o sentido de ler uma opinião de uma máquina no jornal? Se for assim, não é mais fácil eu mesma perguntar ao ChatGPT?

Imaginem o RelevO organizado por uma IA. Jamais teríamos esse humor sacana, as opiniões duvidosas do editor, alguns textos meio chatos que às vezes aparecem, outros fantásticos. Esse é outro motivo de defender as bios aqui no jornal, já que algumas pessoas seguem questionando (e é ótimo discordar): estamos falando de pessoas reais e vivas escrevendo os textos. E ainda que eu acredite que precisamos aprender (e muito) com as demais espécies, a literatura talvez seja o que há de melhor do ser humano no mundo.

Na última edição, conhecemos um pouco da trajetória de Sérgio Luiz Zanella, pai do Daniel Zanella, o editor deste jornal. E como foi bonita essa homenagem! Saber de sua vida, de sua contribuição, e entender que o RelevO não existiria sem ele, porque abriu o caminho jornalístico, de alguma forma, para o filho. Esse texto tão emocionante escrito de um filho para um pai jamais poderia ter sido escrito por outra pessoa, por outro ser, por outra máquina. Cada pequena escolha de palavras, de cenas, de memória só é possível de ser feita por quem viveu esse amor. E por quem ficou, após a morte, para honrar esse pai.



Ao interpelar uma amiga a respeito de seus quatro pares de sapatos, o Sr. Keuner, da obra de Bertold Brecht, recebe como resposta: “eu tenho quatro tipos de pés”.

Assim como nossos pés percorrem diversos caminhos e necessitam utilizar adequados pares de calçados, os poemas de *Quatro pares de sapatos*, ao esquadriharem os cômodos da casa, as ruas, os campos e as veredas da memória, fazem uso de diferentes tipos de olhares. Nos “lugares comuns”, o cotidiano aparece com suas contradições — o calor insuportável do verão, as manias, as coleções de objetos inúteis, o homem-placa que atravessa a cidade.

Quatro pares de sapatos

Luiz Gustavo de Sá

R\$ 56 (100 páginas)

7letras.com.br/livro/quatro-pares-de-sapatos/



Somos um ateliê de cerâmica artesanal em Curitiba, com produção própria de peças para venda à pronta entrega (na loja física e site) e também de peças personalizadas sob encomenda. Oferecemos aulas regulares e oficinas pontuais de cerâmica. O nosso espaço em si é super gostoso, vale a visita inclusive aos curiosos.

Estamos na Alameda Presidente Taunay, 681, Batel, em Curitiba

hechoporcami.com | [@hechoporcami](https://www.instagram.com/hechoporcami)

Editora
LitteraLux
Porque livros iluminam
www.editoralitteralux.com.br

+ de 1.700 títulos
publicados desde 2012



[YouTube](https://www.youtube.com/channel/UCQdLlLlLlLlLlLlLlLlLlLl) [Facebook](https://www.facebook.com/litteraluxeditora) [Instagram](https://www.instagram.com/litteraluxeditora) [LinkedIn](https://www.linkedin.com/company/litteraluxeditora) [Pinterest](https://www.pinterest.com/litteraluxeditora) [TikTok](https://www.tiktok.com/@litteraluxeditora) [Snapchat](https://www.snapchat.com/add/litteraluxeditora) [Twitch](https://www.twitch.tv/litteraluxeditora) [Twitch](https://www.twitch.tv/litteraluxeditora)

Quer publicar com a gente?

Escreva para:
originais@editoralitteralux.com.br

Preste atenção.

Existe alguém tomando decisões na sua vida que você não conhece.



A psicanálise costuma chamá-lo de inconsciente. Quero ser cupido do seu encontro consigo.

Elisa Goltz Kumov
Psicóloga e Psicanalista
CRP 08/43385





Espírito Legislativo



Beberiquei do chá de Yggdrasil, me sentindo tão revigorado quanto se eu tivesse morrido ontem. Sem pressa, abri as janelas do escritório e permiti o frescor da manhã arejar o aposento, e a estrela do Dia Quinto iluminá-lo. Sua cor arroxeadada não me apetecia, eu preferia muito mais a estrela vermelha do Dia Sexto, mais vivaz, de propriedades hemomânticas, que me enchiam de vigor. Mas talvez apenas me sentisse dessa forma porque um desses dias era um dia útil, e o outro não.

— Não devo continuar enrolando — com um suspiro, sentei-me à minha escrivaninha de madeira do conhecimento do bem e do mal, que aumentava minhas capacidades intelectuais em troca de ocasionais episódios de terror existencial, e li os correios do dia, pulando toda a baboseira padrão, indo direto à conclusão do remetente:

“...e por isso, druidas deveriam estar isentos de condenações por zoofilia.”

Fechei os olhos massageando a glabella.

— O dia nem começou... — Lutando contra uma vontade desesperadora de pedir demissão já de manhã, tornei a ler, dessa vez com mais atenção.

“A lei de ‘proteção’ dos animais que torna ilegal a suposta imoral prática de relacionar-se romanticamente com animais argumenta que estes seres não podem consentir. Porém, um druida capaz de conjurar *falar com Animais*, é perfeitamente capaz de obter consentimento! Logo, esta lei não possui base lógica, é apenas intolerância, e por isso, druidas deveriam estar isentos de condenações por zoofilia.”

Banhando minha pena em tinta de fada, que só era capaz de escrever verdades (um ato simbólico, já que a tinta não distinguia certo de errado), respondi:

— Caro senhor Barba de Grama, mesmo sob tal suposição, o que torna animais incapazes de consentir não é o fato de não entendermos sua língua, mas sim de que estes não demonstram o mesmo nível de inteligência que as espécies sapientes. No melhor dos casos, este ato vil ainda seria considerado abuso de pessoa vulnerável. Portanto, seu pedido para a revisão da cláusula 14 da Lei de Proteção dos Animais é, por meio desta, rejeitado... — Pensei por um minuto. Peguei outro pergaminho já previamente preparado, e requisitei: — Pedido de verificação da bola de cristal do cidadão Barba de Grama.

Terminada aquela tarefa e expedindo as cartas por meio de pombos-correio, beberiquei do chá.

— Pelo Senhor das Sombras, eu deveria ter escolhido outra pessoa para assombrar... — Amarguradamente, me lembrei de como acabei naquela situação para começo de conversa.



Jonas de Souza Martins

Quando o dono da torre na qual eu havia sido assassinado descobriu que eu “morei” (assombrei) em seu complexo de apartamentos sem pagar aluguel por mais de dois anos, abriu um processo jurídico contra mim. E, infelizmente, seu advogado tinha subclasse de paladino. O tribunal foi um pandemônio, literalmente, já que tive de apelar aos profissionais chifrudos, e, no fim das contas, acabei sendo forçado a pagar uma compensação de 340.000 escudos para o autor, mais 48.000 escudos para meu advogado. E o pior? Fui sortudo, tendo sido livrado de, literalmente, uma *eternidade* num calabouço, devido a um furo na legislação, que calculava a sentença dos acusados baseada na expectativa de vida de sua espécie.

Para piorar ainda mais, o tal figurão sabia bem que eu não tinha condições de arcar com essa dívida, e me ofereceu um emprego no escritório do conselho legislativo no qual presidia, uma oferta a qual eu não tive escolhas além de aceitar.

— Isso mesmo. Eu não tenho escolha.

Documento após documento, despejei rejeições, requisitei revisões, analisei precedentes e encaminhei roteiros para meu chefe e credor. Uma carta em especial me chamou a atenção:

“Por meio dessa, eu, Magnus Arcanus, requisito que o conselho legislativo de Campos Verdelhos reconsidere a prática inútil e injusta de confiscar os objetos de poder de magos em estabelecimentos comerciais ou edifícios públicos.

Existe uma infinidade de motivos para tal requerimento, mas eis apenas alguns destes:

- A) Muitos magos são idosos e precisam de seus cajados para sua mobilidade, e não apenas para conjurações.
- B) Permitir a entrada de pugilistas ou antropomorfos ou qualquer outra pessoa cujo próprio corpo é sua principal arma, mas restringir aos magos, é uma forma de discriminação que não pode ser justificada como medida de segurança, independente do que aqueles malditos do Gob Cinema afirmem!”

— Entendo de onde vem a reclamação, mas...

Enquanto eu ponderava a questão, “toc, toc!”, alguém bateu à entrada de meu apartamento.

— Merda...

Eu não queria perder tempo lidando com a síndica de novo. A última coisa que eu desejava, afinal, era deixar sobrar trabalho para meu dia de folga...

“Quer que eu vá?”, ecoou uma voz na minha cabeça:

Fana, a dona do corpo que eu possuía para trabalhar, minha secretária.

— Por favor. — Deixei o corpo da garota como uma fumaça negra amorfa, minha verdadeira forma como espírito obsessivo, e ela espreguiçou-se, esticando o corpo magro, ajeitou os cachos castanhos e o vestido social preto, conferiu se a maquiagem elegante ao redor dos olhos verdes não havia sido borrada, e deixou meu escritório. — Vejamos...

Quanto ao ponto B, seria impossível “desarmar” essas pessoas sem violar os direitos de seus corpos. Sua integridade física é uma prioridade acima de um suposto ato de violência que elas *podem* vir a cometer num futuro hipotético.

— Mas o primeiro ponto é surpreendentemente válido, vindo de um mago. Forçar idosos a abrirem mão de itens que suprem suas necessidades pode ser anticonstitucional, já que é garantido a todo cidadão o direito de saúde, trabalho e lazer. Até me foi provido uma secretária que me permite possuir seu corpo a fim de exercer meu trabalho apropriadamente... Mas estamos falando de *magos* aqui! 70% das nossas leis foram feitas exclusivamente para manter esses caras sob controle! Talvez pudéssemos passar uma lei que obrigasse estes estabelecimentos a prover bengalas para eles? Mas com a miríade de diferentes fisio-nomias de todas as espécies sapientes dessa cidade, isso seria um pesadelo... — Tentei alcançar a xícara com chá de Yggdrasil, quando me lembrei que não tinha boca. — Droga. Fana está realmente demorando.

Com a garganta (metafórica) seca, flutuei em busca de minha secretária.

— Fana! Mais chá, por favor!

*

Atendi a porta enquanto meu patrão ponderava questões legais:

— Olá, como posso ajuda-

— Os guardas pegaram minha bola de cristal por culpa sua! — Um homem hirsuto, de dentes amarelados e vestindo uma túnica que parecia colecionar manchas de molho me segurou pelo pescoço. — Seu maldito morto-vivo!

— Ah, você deve estar me confundindo com meu chefe. — Respondi, as mãos magrelas do velho druida falhando em impedir minha respiração. — Sinto muito, mas ele-

— Eu vou te ma- Te exorcizar! — Barba de Grama me sacudiu de um lado para o outro.

— Como eu disse-

— Prisão de Espinhos! — O druida conjurou, e vinhas espinhentas brotaram de sua barba, e enros-caram-se ao redor de todo o meu corpo.

— Francamente...

— Fana! Mais chá, por favor! — Ouvi a voz de meu patrão ecoando macabramente pelas paredes do apartamento, abaixando a temperatura do ar, e excitando as sombras.

— Reuniões são agendadas por cartas — com pressa, respondi o druida, estourando as vinhas espinhentas com as quais tentou me subjugar, e: — Nhom!

*

— Era a síndica de novo?

— ...Sim, devido a poltergeists. Enfim, mais chá, correto? Vou pôr a chaleira no fogo.

Para um Bicho Papão que se alimentava de emo-ções negativas, ela era tão prestativa!

— Bah, se mesmo esse tipo de gente sabe ser civil, aposto que magos podem fazer o mesmo. Quer saber? Deixe-os manter seus cajados.

Uma vez que a questão mais difícil da semana já havia sido resolvida, Fana retornou com mais chá e biscoitos, e tornei ao trabalho, tranquilo. A próxima requisição?

“Deuses deveriam ser sujeitos às leis mortais também.”

— E o que poderíamos fazer contra um deus?!

“Patrão, quando você grita assim, armários deste andar inteiro ficam abrindo e batendo, os vizinhos vão reclamar”, Fana me lembrou.

— Urgh... Eu vou ter que fazer hora extra, não vou?



Jonas de Souza Martins (2000) nasceu em Imituba-SC e atualmente mora em Santo Amaro da Imperatriz (SC). É escritor.

redemacuco.com.br
20 anos



A lambreta noturna

Mergulhava no vazio quando o escapamento da lambreta, ainda distante, começou a rasgar o manto da deusa da noite.

Pôs-se em pé. Esta noite! Ah, esta noite vai pegá-la! Vai sim! Depressa! Levanta, vai! Mas calma! Calma! É preciso desfazer-se das roupas. E sem pressa. Há um pijama entre ela e a lambreta. Primeiro, o pijama. Primeiro, a blusa de mangas longas. Braço esquerdo, ao contrário, por dentro do pijama. Braço direito, também ao contrário. Vem rompendo, airosa, a lambreta. Calma, corpo de quatro braços! As mãos vêm por baixo, puxam o pijama pela gola. Há um padrão: o padrão que a peça recém-despida formará contra o chão. Depois: a calça; a calça de pijama, de pernas longas. Perna direita, ao contrário. Perna esquerda, ao contrário. As mãos não podem ajudar. Há um padrão: o padrão que a peça recém-despida formará contra a anterior — graficamente, simetricamente, tangencialmente. Sem pressa — a lambreta não chegará antes disso. É preciso ter atenção e cuidado para que as mangas do pijama longo não tornem impossível a forma que as pernas do pijama longo devem espelhar. Assim como as meias. Assim como o elástico de tecido que prende o cabelo. Assim como a calcinha.

Sobre o chão, somente o que estava quando era, somente o que é. O padrão é uma constante da verdade, mas a verdade não é uma constante que segue o tempo. Agora a lambreta — agora à lambreta.

Corre quarto afora, chega à garagem. Monta na lambreta, *ahh*, arrepiada. Gira a chave e aperta o botão. O motor quer despertar. A lambreta — vem, vem, vem. A outra — também: rompendo, airosa, ruidosa, rasgando o silêncio. Deixa uma fresta na brisa da noite, um vão. Vão: sai em risco, uma farpa na cauda do cometa.

Quer saber quem é essa pessoa inoportuna que toda noite rapta seu mergulho para o alto, que faz um furo em sua bolha-sonho-de-sono. Quer saber e por isso segue o rastro da lambreta com a própria lambreta. Sono-de-sonho-bolha — a lambreta a virou do avesso, a tornou insone.

Madrugada de Marte, fria, estrelas vermelhas vendo-a nua. Não faz diferença: ninguém vai vê-la. Ninguém, *coff*. Ninguém, *cohc*. O rastro da lambreta, sem capacete. Tosse, *coff*, tosse, *cohc*, *coff*, *cohc*. Saem da via principal.

Essas ruas: angustiantes, desbotadas. Ruas cuja simetria se assemelham ao pior sonho de sua vida; sonho revivido e refeito no espaço de uma noite de suor infinito, quando a curiosidade se manifestou

e o instante propício fê-la matar a curiosidade de matar — matar uma pessoa. Que peso excruciante, que insuportável angústia derivada de uma revolta serôdia que a levou, dentre outros questionamentos, àquelas mais insignificantes. Afinal, de que serve a dúvida e o arrependimento se são incapazes de mudar a verdade? Quando a verdade é revelada, não existe incógnita. O arrependimento — e a certeza de um arrependimento — têm mais função como prevenção do que como reflexão tardia. Mesmo no sonho ela sabia disso, e escarneceu de si mesma por essa razão. Antes, contudo, antes houve apenas a curiosidade, quando no meio da noite, por ruas úmidas e estreitas e desbotadas e iluminadas por luzes amarelas como gemas podres que mal atravessavam as folhas das árvores e tampouco chegavam ao asfalto ou a calçada, pilotava uma potente moto carregando uma faca na cintura. Foi nesse cenário agourento que, antes do arrependimento, buscou intencionalmente quem poderia ser a vítima, e que logo encontrou. Na madrugada desolada, fria, de estrelas vermelhas, qualquer um pode ser vítima. Morava na casa nº 314. Tão logo encontrou o candidato — uma mulher, uma Vênus —, três dúvidas a acometeram: a primeira, se poderia ser descoberta; a segunda, se poderia ser pega; e a terceira, vergonhosamente a terceira, se precisaria fazer aquilo. Pilotou de volta para casa, memorizando o caminho. Ruas desertas. Chegou e então entrou na própria casa, nº 159, onde outras pessoas da família dormiam, inclusive um tio falecido que, no dia anterior, fora do sonho, comentara a respeito com um colega de trabalho. Estadia curtíssima: deu partida na lambreta — deixou de ser uma potente moto — e, de volta à casa da futura vítima, que certamente sabia que seria vítima, pois se encontrava de joelhos no alpendre da casa, de costas para a rua, encarando uma janela aberta, como se aguardasse o próprio sacrifício, enfim, de volta à casa da vítima, cravou a faca contra seu pulmão — sem motivo, sem hesitação — e deu meia-volta. De longe, sentiu o próprio ar, ar dela e da vítima, falharem. Afogar-se na cor das estrelas, respirar o oxigênio de uma pedra de gelo, asfixiar-se no brilho extinguido. Pilotou, outra vez, para seu lar, e com a certeza de que não seria descoberta. Ruas desertas. Em casa, casa nº 265, uma casa que de repente não era a sua, uma casa onde o chão era um carpete escuro e grosso, e cada canto era uma grande janela de vidro bloqueada por altíssimas cortinas pretas cujas parábolas desciam até o chão, a certeza de que ela havia feito uma coisa má caiu sobre seus ombros e a derrubou. O arrependi-

mento, atrasado e inútil, trouxe a terceira pergunta e a resposta, também atrasada e inútil: não, ela não precisaria ter feito aquilo. Estava feito — irreversível, friamente feito. Tornara-se assassina e necromante, pois invocara-se a si mesma, morta, pois sonhava, para refletir sobre sua vítima. Dormiu dentro do sonho e acordou, ainda no sonho, no instante em que todos da casa invertiam as cortinas, enquanto a notícia sobre um assassinato dançava de forma macabra pelo ar, enquanto as pessoas daquela casa se perguntavam por que o carpete estava encharcado de água, um carpete tão escuro que as pessoas pareciam caminhar no obscuro-molhado. Naquele instante, ao tomar a notícia como pública, a culpa começou a consumi-la. Mesmo assim saiu como todas as outras pessoas, fingindo ser como as outras pessoas, fingindo procurar pistas, fingindo procurar um assassino e não ser assassina. Passou pelas mesmas ruas e foi além, até as dunas onde trabalhadores operavam máquinas pesadas e potentes, como era sua moto, no meio da areia molhada. Os outros ignoravam-na, mas ela, não: olhava para si mesma do alto de um triângulo de faces laterais isósceles congruentes, sabia-se ser apenas uma farsante, uma mentirosa e uma assassina. E cínica, pois, em vez de sinais para somar nas buscas, procurava sinais que poderiam subtrair quaisquer suspeitas. Qualquer que fosse o resultado, não havia como ser pega; mas a culpa... a culpa era sua, e seu corpo começava a fracioná-la. Culpa que, num jogo de translação, fez-lhe ver a si mesma capturada, e, ao mesmo tempo, na fogueira, na cadeia e atirada ao espaço negro da órbita da Terra; culpa que lhe fez ver a mãe envergonhar-se da filha durante milênios. O carpete molhado! Alguém suspeitaria! Sim, o carpete seria o sinal, ela seria a prova, ela seria incapaz de mentir, seria impossível mentir, e nem a roupa — molhada! — e nem os padrões ajudariam-na a mentir. A nova certeza a fez abandonar qualquer convicção anterior de resultado certo, e antecipando opostamente a verdade, invertendo os sinais, contou para a própria mãe o crime que cometera, e a mãe, coitada, assolada, envelheceu 359 anos em um *oscar* de olhos; o tempo fez a pele tornar-se flácida, descer para todos os lados junto com a gravidade, arrastar o couro cabeludo até o queixo; e, mesmo assim, a expressão de vergonha, de tristeza, de consternação de ter fracassado como mãe, estavam todas ali, atrás dos espaços ralos e transparentes de cabelo branco, secular, sideral, nas pálpebras penosas, humilhadas, e nos lábios doentes de ter quaisquer alegrias eternamente furtadas. Que dor ver aquilo, que vontade



Gustavo Scussel

de gritar quando a garganta estava adormecida. O ar! O ar! Faltou-lhe ar! Não, não tinha como suportar aquilo: por isso, dentro do sonho, ordenou a si mesma que acordasse. Abriu a boca e os olhos com violência, buscando ar como se tivesse despertado de uma longa operação, angustiada. Mas a angústia a acompanhou. O pior sonho de sua vida, e aquelas ruas desbotadas, finalmente deixadas para trás, puxaram-no com força de sua raiz.

Chega à descida: gira toda a manopla do acelerador, as duas lambretas ganham velocidade. Mantêm-se assíntotas. Antes era uma distância fixa, estranhamente fixa. Ao seu lado esquerdo, um ângulo de encosta escura. A mão segue firme na manopla, os olhos seguem presos àquela figura de preto que pilota a lambreta barulhenta, que faz do pequeno escapamento um berrante estrepitoso e enlatado. Frio, frio, queixo trépido triscando dentes. Até a língua chacoalha. A figura de preto — parece um padre. Mas no escuro, pudera! No escuro, toda pessoa de roupa preta é padre, todo pedregulho é pedra grande, toda encosta de praia é buraco negro. Por um instante, seus olhos descolam-se do padre a frente, debandam para a encosta; e então, vê: um enorme e amarelado olho de cyclope pisca diante desse atrevimento, dessa espreita indecente.

O guidão vacila, a lambreta passa por baixo da metade do bambolê amarelo ziguezagueando, acelerando com arritmia contra o buraco de minhoca-humana. Meio bambolê, meio bambolê — de cabeça para cima, um toboágua fechado; de cabeça para baixo, uma pista de taxiamento de aviões. A lambreta está no ar, o pneu não está rolando sobre o asfalto, o motor, morto, não está motorando; o ponteiro não está

apontando, o painel não está mostrando, a lambreta da frente não está se afastando e muito menos está se aproximando. Com custo, recupera de novo o controle, começa a desejar o fim dessa perseguição. Como faz falta a melhor amiga; como faz falta, pois, tivesse-a ainda, encurralariam com facilidade essa pessoa inoportuna de lambreta. Não a tem mais, e nem entende como ela sabia que iria morrer tão cedo, antes que todos os demais. Moravam apenas um número primo de casas de distância. Tão perto, tão longe, tão longe...

Uma noite de verão, brincando juntas no quarto, a amiga disse que viu uma figura sem face, vestida de preto, ao lado de fora da janela. Brincavam de resgatar a boneca, uma brincadeira que a amiga havia inventado. A brincadeira consistia em esgotar um grosso rolo de cordão de lã, interseccionando e trançando os fios de maneira variada e imprevisível em todos os cantos e móveis do quarto. A boneca era jogada e, onde quer que caísse, cada uma delas deveria tentar resgatá-la o mais rápido possível, fazendo caminho entre o cordão trançado, sem arrebenhá-lo e sem torná-lo folgado. Marcava-se o tempo ora com uma ampulheta ora com uma clepsidra. Nessa noite de verão, quando a amiga estava com a mão sobre a boneca pronta para estabelecer um novo recorde entre elas, algo a fez estancar onde estava, como se não achasse solução para uma dada equação. Ficou assim, encarando demoradamente o conjunto vazio para além da janela. Por um longo tempo ficou em silêncio, respirando com leveza, alheia à ansiedade daquela que a assistia. Então, ainda olhando para a janela, a amiga perguntou com uma curiosidade oca, para fora: “Está resolvido?”. E depois, ao fazer

ao contrário o caminho entre os cordões, com os olhos esvaziados, ampulheta e clepsidra esgotados, mãos geladas agarradas as dela, contou sobre a figura sem face, vestida de preto, que surgira em sua janela. Daquela noite em diante, cada encontro com a amiga parecia uma despedida. Até finalmente ser: um fungo se espalhou por ambos os pulmões da melhor amiga, roubando-lhe o ar, roubando-lhe a chance de vencer a ampulheta ou a clepsidra da vida.

Sai do buraco de minhoca-humana e, ao seu lado esquerdo, junto à praia, veloz, surge o cyclope, imponente, monstruoso. Perde o controle da lambreta. Faíscas amarelas e estrelas vermelhas. Sente as veias raladas contra o gelo negro sobre o asfalto. O padre vem ao seu resgate. Abre os olhos a tempo de ver a figura destravar a tira de segurança do capacete. Destrava-a, apenas. Agacha-se ao seu lado, ajuda-a a se levantar. Caminham para o passeio, o asfalto é gelado, gelado, gelado. Sob os pés, não sente nada. Flutua, vai como uma bolha até o interior de sua casa — sua casa, onde dorme e ronca sua mãe! —, e, depois, seu quarto — seu quarto, onde está o seu pijama, o seu padrão, o seu carpete, a sua cama, o lençol, o teto, a boneca de recordação. Estoura, ferida por dentro, nesta e em outras dimensões.

Aceitar a passagem do tempo para a eternidade e permanecer ileso é raiz de índice zero.



Gustavo Scussel (1989) nasceu e mora em Uberaba-MG.

Museu do Livro Esquecido

Museu e gabinete de leitura para a história do livro



“O Triunfo da Vaidade: Matias Aires e suas Reflexões”,
exposição de 28 de junho de 2025 a junho de 2026.
Matias Aires, Typografia Rollandiana e gravuras em edições raras
para refletir sobre a vaidade e o fim da vida.
Biblioteca disponível para pesquisa.

Rua Santa Luzia, 31, Sé/Liberdade, São Paulo - SP, 01513-030

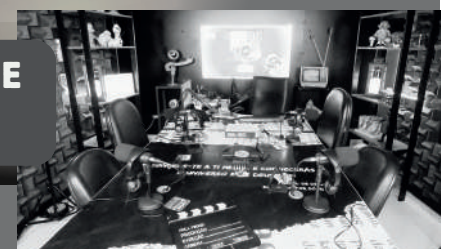
(11) 91853-6231

museudolivroesquecido@gmail.com



UM ATELIER DE COMUNICAÇÃO

PODCASTS | VIDEOAULAS E
EVENTOS DE BOLSO



ESPAÇO DE IDEIAS

Affife Mansur, 565 - CWB/PR - Novo Mundo
Na Cidade Universitária Santa Cruz Centro Universitário
WhatsApp: 41 99993-4141

Venha nos conhecer:

www.espacodeideias.com.br





Galinhas e Gorilas é uma comédia que acompanha a militarização do Estado brasileiro desde a redemocratização e contada através da história de quatro figuras absurdas: Abraham Lincoln Oliveira da Silva, o Mr. X, o Sargento Caolho e o Maicon. A estrutura do livro é de duas verdades e uma mentira, mas eu já nem me lembro mais o que realmente aconteceu e o que não. O Abraham é bolsonaro roxo, o Mr. X não existe, o Sargento Caolho é um cara bem normal. O Maicon? O Maicon é você. Não olhe para trás.



“Meu pai não reconhecia o valor do pragmatismo, ele achava que as coisas se originavam do ar, que Deus vai construindo a fortuna dos merecedores com tijolos invisíveis. Deus, hoje sabemos, é nossa arma. Ele dispara para onde a gente aponta.”

Basílio Baran, Editora Letramento. À venda no site da Editora Letramento ou diretamente com o autor (dica, é mais barato) pelo instagram @basiliobaran ou no link linktr.ee/basiliobaran

Renata Weber

Para um solo¹

O primeiro gesto: uma pessoa senta-se a cavalo.

Ela está no centro. Ela vira centro enquanto senta-se a cavalo. Ela vira homem enquanto senta-se a cavalo. É um ato banal.

Para sentar-se a cavalo é preciso reconhecer as normas da cadeira e da sala. A energia desse gesto é ligeiramente rebelde. A pessoa chega por trás da cadeira, segura o seu espaldar e, num giro de cento e oitenta graus, faz da cadeira um cavalo. Há mediações, isso não se vê de pronto. É uma das pernas da pessoa que, ao sentar, desenha o volume do cavalo. O cavalo, por sua vez, desenha o homem de volta. É um toma lá, dá cá.

Eu olho.

Um homem mostrou o seu sexo.

Eu digo sexo porque a perna se abre em arco. Essa é instrução importante: que a perna se abra em arco exibindo o sexo, ainda que na vigência das normas da cadeira e da sala. O sexo exala quando alguém se senta a cavalo. É possível que eu – sentada – estivesse olhando o sexo desde longe.

Por esta razão eu sei qualquer coisa sobre o seu cheiro.

Esta é a cena do engate. Ela é promessa. Se eu cavalgar nela tudo será tomado. Revejo-a ad nauseum. A cena de interesse é a da investigação: a intérprete destrincha, via repetição, os movimentos do engate. Ela ocupa os gestos das duas pessoas – o primeiro gesto, afinal, são muitos.

O segundo gesto: quem o faz sou eu. É preciso adicionar aqui uma cama - em vigência, as normas do quarto. O gesto emana dos meus dois braços.

Tratam-se de braços que, estando ocupados de qualquer coisa, se desocupam. Para se desocupar de algo, é preciso estar vivo. A energia desse gesto é a da desistência.

Eu estou de pé, de frente ao homem que, há cinco anos, vi sentar-se a cavalo. Ele deitou-se há pouco. Ele está numa cama de lençóis brancos. Ele ocupa um corpo flácido. Eu estou em pé e sou corpo exausto. Quando abaixo os braços, eu sei o que faço, mas o homem sabe mais do que eu.

Ele olha.

A mulher desistiu.

Corpos flácidos emanam cheiro de sebo. Quando eu abaixo os braços eu sei tudo sobre esse perfume, ele é de fácil transferência (se coube a mim desistir, é o homem quem vai embora).

Eu estou no batente da porta. É mesmo um gesto de liminaridade e transição. Ele dura um ano inteiro. O depoimento do homem, no dia seguinte, é que recebeu tudo no corpo. Os efeitos disso, dos braços que se desocuparam dele, dos braços que fazem ele cair:

- É uma angústia, como se um buraco.

São essas as instruções: ser massa flácida na cama, ser massa que desaba braços, cansada, como se um buraco. A investigação neste ponto é como são, como exalam os corpos nesse gesto último – a intérprete repete os dois corpos, ela vai de um a outro, colapsando num estudo didático e sistemático do fim.

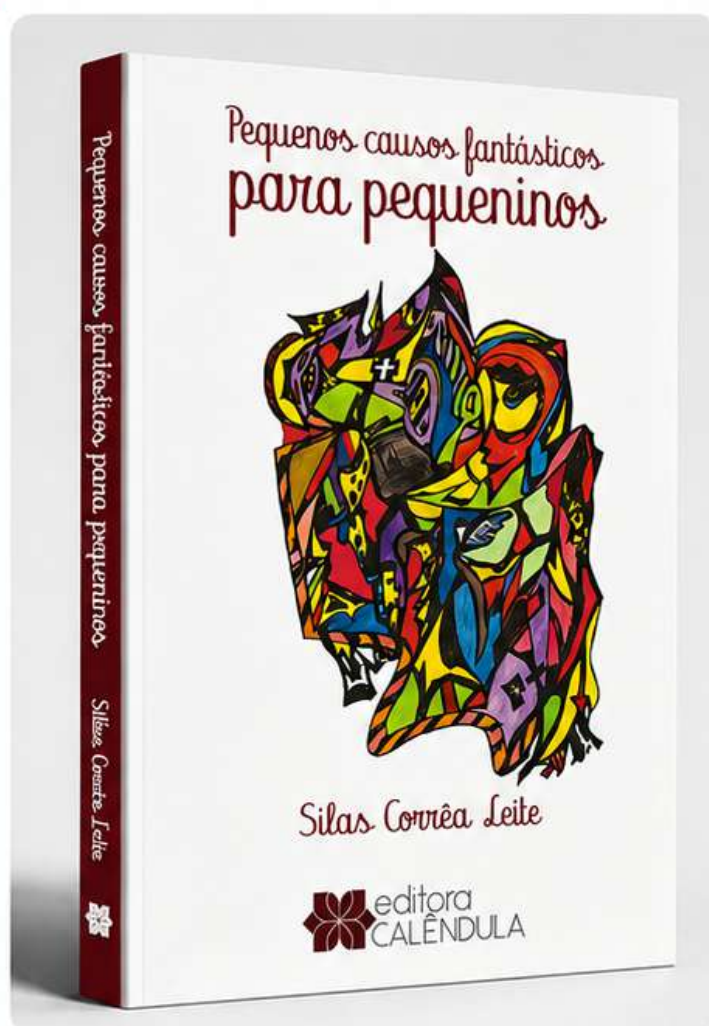
Dois gestos múltiplos e íntegros. Em looping ao centro. Isso é tudo.

As beiradas do amor.

1. Para um solo integra o projeto Garotos in Progress, de Camila Prando e Renata Weber



Renata Weber (1971) nasceu e mora em Brasília-DF. É artista visual, escritora e psicóloga.



PEQUENOS CAUSOS FANTÁSTICOS PARA PEQUENINOS

HISTORIETAS DE PEQUENOS CAUSOS FANTÁSTICOS PARA PEQUENINOS

na Galáxia do Arco-Íris é um livretinho para ser lido com todas as janelas (da mente, da alma e do coração) abertas, respirando fluxos de sentimentos renovados em estímulos de açúcar e de afetos desaprendidos... As crianças devem adorar, e até os que já foram bem crianças (ou se esqueceram de ser), certamente terão torneiras de luzes nas aventuras revisitadas.

Causinhos encantados, microcontos pueris, poematos de contentices, brincadeiras, trocadilhos, humor e muito mais, até o confeito dos cem (mais alguns bônus.) Guloseiras de palavras para colocar besouros azuis, carvões cor-de-rosa e presenças contentes na caixa de existência da imaginação. Flores de amor.

Coisas que vão saindo no fluir da fantasia atizada. As crianças devem se sentir voando, lendo? Ora, se elas enaxergam dentro das nuvens, então podem colher raízes e pétalas de todos os sonhos. Escrever para crianças dá nisso: exercício de libertação!

O coração é visitado de relâmpagos de cascas de avelãs, a alma é purificada com talco de cascas de mexericas e a mente inventa um Pássaro-Flor para levar e trazer andanças de palavras e encruzilhadas de surpresas. Viver é ser criança para sempre. Mas existem os pés de milho que se apaixonam por laranjeiras, agulhas de tricô que falam, esquilos que esculpem, ventos que querem ser música e por aí adiante. Como se num mundo mágico, terra da boa esperança. Essa é a entrada para a galáxia do Arco-íris e suas historietas. Tudo confeitado com estima para traduzir lampejos novos, canteiros de carinhos, nuvens de risos...

Peter Pan, Pinóquio, Moleque Saci, Cascão, Mandrake, Zorro, Tarzan, Fantasma, Príncipe Valente, Pateta, Peninha, Batman, Homem Aranha, Flash Gordon, Tintim, Kit Carson, Flecha Ligeira, Mônica, Pato Donald, afinal, que verdadeiro personagem o autor escritor premiado em verso e prosa busca loucamente ser no escrever-se, quando se desata a escrever encantários, escapatórios, estrelários, reinos e coquetéis de historietas fantásticas, como se a redesenhar coloridos balões extraordinários de si mesmo, e cujo historial já revela de antemão que o único "final feliz" nos animes, gibis e quadrinhos das vidas é uma mistura de sons, cores, palavras, músicas, poemas, o que se harmoniza desde sempre, feito uma brilhante agulha de luz ferindo o pen-drive de sua colorida e imaginosa existencialização?

Como disse Júlio Cortázar, "Tive uma infância na qual não fui feliz, e isso me marcou muito. Daí a minha fixação pelo mundo das crianças. Não tive filhos, mas amo-os profundamente. Eu acho que ainda sou infantil em um bom sentido: não aceito a realidade como ela é. Prefiro contar coisas fantásticas, brincar com as possibilidades. E talvez seja por isso que as crianças e eu nos entendemos tão bem, porque no mundo deles, o impossível ainda é possível". Por essas e outras, eis o livro; as historietas do livro **PEQUENOS CAUSOS FANTÁSTICOS PARA PEQUENINOS**.

Em "Pequenos causos fantásticos para pequeninos", o leitor é conduzido por um universo poético onde objetos falam, animais filosofam, estrelas guardam segredos e crianças reinventam o mundo com espanto e ternura. Entre minicontos, poematos, diálogos e fábulas contemporâneas, a obra celebra a imaginação infantil como forma de resistência à dureza da vida adulta. Com linguagem lírica, bem-humorada e profundamente simbólica, o livro mistura fantasia, inocência, crítica social e delicadeza afetiva, criando narrativas breves que dialogam tanto com crianças quanto com adultos que ainda preservam a infância dentro de si. Cada página revela pequenas epifanias sobre amor, amizade, esperança, natureza e sensibilidade, compondo uma galáxia de imagens inventivas e reflexões poéticas capazes de despertar encantamento, riso e emoção.



SOBRE O AUTOR

Silas Corrêa Leite é escritor, poeta, cronista e contista.

Formado em Geografia, com especialização em Educação pela Universidade Mackenzie e pós-graduação em Literatura na Comunicação, possui extensa trajetória literária, com dezenas de livros publicados e premiações nacionais.

É membro de diversas entidades culturais e autor de obras para diferentes públicos, transitando entre poesia, conto, romance, literatura experimental e literatura infantojuvenil.

Em **PEQUENOS CAUSOS FANTÁSTICOS PARA PEQUENINOS**, Silas apresenta uma galáxia encantada de histórias que despertam sonhos, afetos e muitas risadas.

Sua escrita combina imaginação, sensibilidade, humor e reflexão, construindo universos que dialogam com leitores de todas as idades.



PARA COMPRAR

Editora Calêndula
Pré-venda e compras:

[editoracalendula.com.br/
produtos/pequenos-causos-
fantasticos-para-pequeninos-vsgrn/](http://editoracalendula.com.br/produtos/pequenos-causos-fantasticos-para-pequeninos-vsgrn/)



CONTATO DO AUTOR

poesilas@terra.com.br

silascorrealeite.com

poetasilascorrealeite.com.br



SITES

silascorrealeite.com

poetasilascorrealeite.com.br



RelevO FIP

Ler dá trabalho. Exige tempo, concentração, interpretação e, pior, pode fazer você mudar alguma ideia. E pra que ler se você pode ir a locais em que outras pessoas leem por você — e até dizem como você deve ler?

Pensando nessas questões que afligem o leitor contemporâneo, geralmente atrasado nas novidades desde o surgimento da literatura, o RelevO resolveu inovar e propor um festival (ainda com local e propósitos indefinidos, como boa parte da literatura contemporânea) que realmente traga subsídios, dividendos e melhoria na carteira de investimentos de seu assinante. O RelevO-FIP garante a você a melhor proposta em até 30 minutos e valoriza o seu bem móvel, imóvel ou inexistente.

Barraca da BET

Literatura existe, portanto pode virar *odd*. Na barraca da BET você finalmente pode fazer tudo aquilo que nunca sonhou, nem cogitou, nem pareceu interessante, mas que por algum motivo agora parece uma baita oportunidade, ainda mais se você estiver um pouco distraído e usando duas telas ao mesmo tempo. Aqui você pode apostar no que realmente movimenta o mercado: quem leva o prêmio, quem será solenemente ignorado e quem publicará um texto explicando que “prêmios são irrelevantes”. As apostas são atualizadas em tempo real conforme o tamanho da editora, o humor da banca, a composição do júri, a temperatura das redes sociais e o número de vezes que a palavra “necessário” apareceu na orelha do livro. Há mercados específicos para categorias consagradas, como “agradecimento emocionado à equipe”, “discurso dizendo que não esperava vencer”, “polêmica envolvendo o regulamento” e “autor que transforma a derrota em manifesto contra o sistema”. Também aposte em si mesmo; aposte contra si mesmo. Aposte na literatura nacional; aposte contra a literatura nacional.



Cercadinho da diversão pra quem chegou lá por engano

“Esse vagabundo não me contou que era um festival *literário*”, dispara o amigo, pego de calças curtas e perguntando que horas todos vão pra praia — ele acaba de descobrir que a promessa de “um rolê na serra” escondia quatro mesas sobre a crise do narrador contemporâneo. No cercadinho das pessoas que *realmente* sabem se divertir, você pode fazer de tudo, inclusive literatura. Música alta, substâncias, lama, fogueiras, máscaras venezianas, banho de cachoeira, brinquedos *steampunk*: há todo e qualquer tipo de distração para você fugir de si mesmo, mas, principalmente, de outros escritores. Garantimos que a cada quinze minutos um escritor tentará entrar para divulgar seu romance, porém será gentilmente removido pela equipe de segurança em direção ao espaço de autoficção.

Cápsula do tempo ForaTemer #EleNão

Um *safe space* para confessar saudades de tempos talvez piores, certamente mais simples, com inimigos claros e evidentes, menos IA, senso de humor didático (piada é pra ensinar, né?) e, principalmente, aquele pretexto claro para o herdeiro justificar uma eurotrip como autoexílio.

Cabine de fotos “trabalhador de verdade”

Festas literárias podem ser elitistas, autorreferenciais, *think tanks* dos caçulas que preferiram “seguir a sua paixão”. Não para você, que aqui tem a chance de, uma vez por ano, interagir com um(a) trabalhador(a)

“de verdade” e até tirar uma foto com ele(a). Neste *photobooth* você escolhe um(a) funcionário(a) que ganha um salário-mínimo e levou duas horas e três modais diferentes para chegar até o evento, e por um motivo nobre:

ser fotografado com você, o(a) amigo(a) do povo. Não se preocupe: o funcionário não vai ganhar um centavo a mais por esse acúmulo de funções, o



que inviabilizaria o *app* (contamos que o *photobooth* é um *app*?).

Túnel da compra explícita de leitores

Literatura é passatempo de otário; o que vale é quantidade de seguidor, irmão. Escritor nenhum quer leitores; quer métricas. Pensando nisso, o RelevO elimina o constrangimento da sedução intelectual e inaugura a compra explícita de leitores. Aqui você adquire pacotes de pessoas que garantem terminar seu livro, marcá-lo nas redes sociais, chamá-lo de “necessário”, fazer fila no lançamento e até formular perguntas previamente aprovadas antes da mesa. Os planos variam conforme a renda, o sotaque e o capital simbólico do leitor. Há ainda o pacote Crítica Especializada, no qual um doutor em literatura explica por que sua obra é revolucionária usando exatamente as mesmas palavras empregadas para descrever as últimas 40 obras revolucionárias. A literatura passa, mas a taxa de engajamento permanece.

Lounge do Vamos Marcar um Café (LVMC)

Nada melhor que marcar eventos para não comparecer. Em um ambiente confortável onde todas as pessoas prometem se encontrar depois do festival, o *lounge* do Vamos Marcar um Café promove um espaço prático de não agendamento de eventos cotidianos. Aqui, escritores, editores, tradutores, jornalistas, professores e pessoas “envolvidas com projetos” podem trocar cartões, QR codes, @ do Instagram e promessas sinceríssimas, como “a gente precisa conversar com calma”, “vamos marcar uma semana dessas”, “depois do festival eu te mando uma mensagem” e “tenho uma ideia que é muito a sua cara”. Ao final da conversa, ambos saem convencidos de que acabaram de iniciar uma amizade profunda e uma parceria profissional duradoura, capaz de livrar a sua cara caso você se envolva em escândalos posteriormente reverberados em podcasts do segmento.



Achados e Perdidos da Literatura

Ecobags, bottons, marcadores, caderninhos, credenciais, copos reutilizáveis e exemplares autografados nunca lidos: tenha tudo aquilo que prova que você esteve em um festival literário, mesmo que não tenha assistido a nenhuma mesa até o fim ou mesmo arriscado virar uma página além do sumário. Aqui, o visitante pode retirar sua sacola institucional e enchê-la com brindes de editoras, folders de projetos que jamais acessará, canetas estilosas e livretos de programação destinados ao esquecimento no banco do primeiro Uber. Também recolhemos objetos extraviados ao longo do festival, desde óculos sem dono até livros de autores ainda contaminados pelo entusiasmo inicial de quem encomendou uma tiragem dez vezes maior que o necessário.



Museu da Humildade

Uma exposição permanente dedicada à modéstia dos profissionais do livro. Conheça escritores que “não se importam com resenhas”, editores que “publicam apenas aquilo em que acreditam”, capistas que “nem ligam quando modificam sua arte”, designers que “só querem que o texto brilhe”, tradutores que “dispensam ter o nome na capa”, preparadores que “não fazem questão de reconhecimento”, revisores que “aceitam tranquilamente quando introduzem novos erros na edição final”, críticos que “não querem formar cânones” e curadores que “escolhem participantes exclusivamente por critérios técnicos”. O acervo reúne relíquias como páginas da Wikipédia atualizadas compulsivamente, prints de vendas, notificações do Google com o próprio nome, rankings de podcasts, *stories* monitorados em tempo real, capturas de tela de matérias compartilhadas discretamente com a legenda “quem quiser ler...”, estatísticas de newsletters, currículos Lattes cuidadosamente irrigados e e-mails iniciados por “não costumo fazer isso, mas...”. O melhor do *egosearch* ao alcance das



mãos do leitor. Ao final da visita, todos recebem um espelho, já que a exposição inteira é interativa.

RelevO Experience

Você sempre quis saber como é manter um jornal literário impresso, gratuito e independente no Brasil? Nós também. Nessa experiência imersiva, o visitante recebe um CNPJ pra se sentir “empreendedor”, uma edição para ser fechada em duas horas, três autores que pediram pra mudar o texto depois de selecionados, dois anunciantes que “pagam na semana que vem”, uma gráfica cobrando à vista e um e-mail perguntando por que vocês ainda insistem em papel “em pleno século 21” e não publicam apenas digitalmente. Ao longo do percurso, você enfrentará desafios reais: como explicar pra família o que você faz? Quanto custa um fardo de jornal para vender pra pet shops? Quando irei tirar férias? Na fase final da experiência, uma inteligência artificial informa que consegue fazer todo o seu trabalho em 12 segundos. Em seguida, um consultor em catifeiro recomenda que você “pivote o negócio”, vire *creator* e monetize uma comunidade no Discord. Se você sobreviver, recebe um exemplar antigo do RelevO e ouve um pouco de choradeira do editor (seguido de um pedido de empréstimo). Bom evento!





E N C L A V E

a newsletter do Jornal **RelevO**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>

O inferno meditativo do Boards of Canada

por *Raísa Boing*

Um duo que raramente dá entrevistas, quase nunca se apresentou ao vivo e mal seria reconhecido na fila do mercado mesmo por seu fã mais *stalker*. O **Boards of Canada**, projeto escocês formado pelos irmãos **Michael Sandison** e **Marcus Eoin**, cultiva há décadas uma espécie de não presença no mundo da música.

Há 13 anos sem lançar um álbum de inéditas, a banda ressurgiu da mesma forma que conquistou seu nichado fã-clube: com mistério, ativações analógicas e uma dose de paranoia coletiva. Em abril, fãs começaram a receber em suas caixas físicas de correio (elas ainda existem) uma série de fitas VHS sem qualquer descrição, com imagens borradas, vozes sobrepostas, ruídos de transmissão e um misticismo impregnado em cada *frame*. Estranho demais para ser acaso, e Boards of Canada demais para ser qualquer outra coisa. No Reddit, único lugar restante de atualizações sobre o duo na internet, começou a se formar um burburinho entre fãs que há pelo menos 10 anos discutiam se os irmãos sequer estavam vivos. Será? *SERÁ?* Uma decodificação obsessiva

em torno das fitas passou a fazer parte do fórum, e aos poucos o mistério se provou o que parecia impossível: eles estavam mesmo de volta.

A grande responsável pela misteriosa campanha analógica de divulgação não poderia ser outra: o selo britânico **Warp Records**, queridinho da “IDM” (Intelligent Dance Music, nomenclatura questionável rejeitada por seus fãs nerds) e casa de nomes como Aphex Twin, Autechre e Squarepusher. Desde o primeiro dia, a gravadora criou a atmosfera para atrair não só a atenção dos fãs sedentos por qualquer fragmento novo de produção envolvendo o duo, mas também a de outros entusiastas da música eletrônica. Mais que um mero anúncio de lançamento, a gravadora — conhecendo bem o chão onde pisa — apostou em uma espécie de jogo de investigação, um chamado indireto, uma reativação muito bem calculada de tudo aquilo que cerca a dupla.

E foi assim, em 22 de abril de 2026, que o Boards of Canada anunciou seu quinto e novo álbum, *Inferno*. Para dar sequência à estratégia adotada desde o início da campanha de divulgação, a gravadora inglesa abraçou a “ritualização” e o frenesi pelo retorno do duo e organizou as chamadas Inferno Sessions, uma série de audições



globais para apresentar o novo álbum da dupla uma semana antes de seu lançamento oficial. Para qualquer outra banda, uma ação promocional bem produzida. Para os fãs do Boards of Canada, talvez o mais perto de viver uma experiência coletiva em torno de artistas que praticamente não existem *in person*. A Warp organizou as sessões em Tóquio, Berlim, Barcelona, Londres, Glasgow, Nova York e Los Angeles.

Acontece que *eu* estaria em Londres no dia do evento, coincidência por si só surreal para mim. Como fã da banda há anos, sabia que dificilmente teria outra oportunidade parecida. Não porque uma *listening session* seja tecnicamente um show, ou mesmo algo extraordinário para se incluir na lista de grandes eventos da vida — o conceito soa até meio bobo: o que diabos há de interessante em se reunir com outros estranhos para... ouvir um disco? Mas, novamente, o BoC (...) é diferente. E a Warp Records sabia bem disso. O artista não está ali; não há performance ao vivo; ninguém canta ou se estapeia junto. No caso do duo escocês, entretanto, essa tende a ser a maior experiência compartilhada para além de um fórum de Reddit.

Os ingressos das Inferno Sessions foram distribuídos mediante cadastro prévio e, claro, esgotaram rapidamente. Havia poucas entradas, muita gente tentando e uma comunidade online inteira lamentando o próprio azar. Eu fiquei sem ingresso — e, *brasileira*, não aceitei que meu destino simplesmente acabasse assim. Resolvi apelar para o emocional e usar a carta do “*shoot your shot*”: escrevi diretamente à Warp Records. A princípio tentei soar profissional e usar o Jornal **RelevO** como veículo para uma sugestão de pauta, mas a verdade é que eu só queria muito fazer parte daquilo. Não aceitaria voltar ao Brasil sem ter participado. Minha VIDA DEPENDIA DAQUILO. EU NUNCA MAIS TERIA ESSA OPORTUNIDADE. E nada disso era mentira (exceto a parte em que alguém usa o **RelevO** como veículo profissional).

Por pena ou medo — e diante de enorme chantagem emocional —, recebi uma resposta quase instantânea da Warp, acompanhada de inesperada gentileza. O time de marketing não só respondeu como abriu espaço e autorizou uma cobertura do evento — detalhe importante, porque as Inferno Sessions não pareciam pensadas apenas como audições promocionais. Havia ali um cuidado de experiência, um desejo de transformar o lançamento em encontro físico, em memória compartilhada, em algo que pudesse existir para além do *streaming* da semana seguinte. E foi assim, por mail de um e-meio, que o Jornal **RelevO** esteve presente, na figura desta que escreve, na primeira (!) sessão realizada das Inferno Sessions em Londres.

O cenário, bem como toda a campanha de marketing em torno do lançamento do álbum, não poderia ser mais certo: o prédio do Stone Nest, um centro cultural sediado em uma antiga capela vitoriana de 1888 cuja imponente cúpula em formato de guarda-chuva ajudava a criar uma atmosfera quase cerimonial para a audição. No dia marcado, cheguei ao local para o evento das 13h — mais três sessões igualmente *sold out* ocorreriam nas horas seguintes.

Havia uma fila do lado de fora do edifício antes mesmo de as portas se abrirem, e esse talvez tenha sido meu primeiro grande choque: perceber que aquilo de fato estava acontecendo e, mais surpreendente, que o BoC era capaz de formar uma fila física em qualquer lugar... ou que seus fãs saíam de casa. No local, uma série de clichês justificáveis: tatuagens ligadas ao duo, camisas do Aphex Twin, gente que viajou de outras regiões da Inglaterra apenas para estar ali. Conversei com um fã que dizia não usar nenhuma rede social há mais de dez anos, mas que ainda mantinha um único espaço de socialização digital: o Reddit, claro. Também havia uma jornalista de 60 anos que tinha todos os discos do duo em vinil, bem como um casal de no máximo 20 anos que descobriu o Boards of Canada no YouTube, no vídeo “Aphex Twin & Boards of Canada *study playlist*”.

Quando as portas do Stone Nest se abriram, a equipe da Warp recepcionou os convidados com envelopes contendo chaveiro, pôster e encarte do novo álbum. Em qualquer outro evento, estes seriam meros brindes, mas ali tratamos quase como relíquias da nossa seita, já que qualquer objeto físico relacionado ao Boards of Canada carrega um peso estranho. Também havia cerveja e vinho disponíveis para quem quisesse uma experiência mais... lúdica. Porém, que fique claro: tudo ao redor sugeria menos uma festa e mais uma espécie de ritual.

O Stone Nest decerto foi escolhido a dedo, assim como as demais locações mundo afora: escuro, frio, silencioso, cheio de escadas, corredores e portas fechadas. Em dado momento, me perdi dentro do prédio, abri uma porta por engano e dei de cara com um almoxarifado cheio de cadeiras e instrumentos mal posicionados. Não consegui entender se era só um depósito ou se fazia parte da experiência (a dúvida parecia razoável...). Na sala principal, as cadeiras estavam dispostas ao redor de um grande hexágono vermelho instalado no centro. Ah, o hexágono. Fãs do duo conhecem bem a associação com a Hexagon Sun, nome ligado ao estúdio e à mitologia particular da banda. Ali, o polígono era utilizado como o centro físico da sala, o ponto de convergência, quase um altar. Acima dele, a cúpula recebia projeções que acompanhavam a narrativa visual criada para o álbum. Quando a audição começou, o mundo exterior ficou em segundo plano por 1 hora e 10 minutos.

Fumaças vermelhas escapavam do centro conforme éramos apresentados às batidas e aos *samples*. As projeções mudavam no teto em sincronia com a música. Algumas pessoas abaixavam a cabeça. Outras fechavam os olhos, como se tentassem receber cada fragmento sonoro sem qualquer interferência. Ao meu lado, um rapaz cronometrava o fim de uma faixa e o início da outra, anotando tudo para não perder nenhum detalhe daquele primeiro contato com o disco. Eu também fazia minhas anotações.

No começo, ainda tentei analisar alguma coisa friamente. As primeiras faixas remetem aos tempos áureos do duo, mesclando a obra-prima *Music Has the Right to Children* (1998) e o poderoso ►



► *Geogaddi* (2002) — nunca consigo me decidir qual desses é o MELHOR álbum de fato, mas pode-se começar por aí. Do meio para frente, parece que somos levados a uma viagem hipnótica e a um transe habitual clássico gerado pelas músicas do duo, também muito presentes em *Tomorrow's Harvest* (2013), até então último álbum. A partir da sétima faixa decidi me render, e a coisa degingolou completamente. Tudo que eu conseguia pensar era “tesão absoluto”, “talvez BoC seja o maior projeto musical já criado na história do mundo” e “queria que esse momento existisse para sempre”. Lendo meu bloco de notas depois, dei risada. De todo modo, se não for para a música nos tirar a sanidade (ou o que resta dela), para que ela serve, afinal? O fato é: minha *análise* era verdadeira para mim.

Finalmente, naquela sala escura e gelada, havia algo compartilhado entre os indivíduos presentes (e não me refiro ao silêncio). Fãs de uma banda quase invisível reunidos fisicamente em torno de uma obra nova, dentro de uma antiga capela, sob projeções hipnóticas, tentando decifrar uma música que parecia falar tanto do fim do mundo quanto de uma lembrança de infância que talvez nunca tenha existido. Durante 70 minutos, fui abduzida para aquele universo estranho e nostálgico — seria um *liminal space*?¹ — que só o Boards of Canada é capaz de conceber. A música do duo parece operar em um ponto instável entre o familiar e o ameaçador. Ela soa como uma fita VHS encontrada em uma casa vazia, como um desenho (lembro muito de *Coragem, o Cão Covarde*) transmitido depois da meia-noite, como uma memória que não sabemos se é nossa. *Inferno* atravessa *samples* ritualísticos, ecos de fanatismo religioso, ruídos de guerra, passagens contemplativas e batidas raivosas. Não sei o que fritou a cabeça desses irmãos eremitas — talvez o isolamento no interior da Escócia, as notícias, a Covid, a IA ou a desesperança geral no mundo —, mas eles voltaram com sangue nos olhos, o que é bastante perceptível durante as 18 faixas do álbum.

Em *Inferno*, há uma dimensão mais pesada, mais ritualística, às vezes mais caótica. Ainda assim, por trás do pessimismo sugerido pelo título, encontrei uma forma inesperada de paz. Para alguém que raramente consegue permanecer no presente sem se preocupar demais com o futuro ou hiperanalisar o passado, vivenciar essa audição foi um estado extremamente meditativo. Durante 1 hora e 10 minutos, não havia nada a resolver, responder, prever ou organizar. Havia o som, a sala, o teto, o hexágono vermelho e um grupo de desconhecidos em silêncio, todos tentando atravessar juntos o mesmo abismo.

¹ Falando em *liminal space* (ou espaço liminar), *Backrooms*, novo filme da A24, representa bem essa estética: Não por acaso, o longa-metragem conta com — adivinhem! — Boards of Canada na trilha sonora (mais especificamente nos créditos). A música é ‘The Word Becomes Flesh’, de *Inferno*: disco e filme foram lançados no exato mesmo dia.





RAMITA
CAFÉS



Grãos das 5 regiões

Norte
Nordeste
Sul
Sudeste
Centro-Oeste

📍 Campo Grande - MS
📷 @ramitacafes
🛒 loja.ramitacafes.com.br



Departamento de Vendas e Artes Gráficas
Divisão de Anúncios e Propagandas
Secretaria de Apoio ao Periódico Mensal

Circular 07/2026

Carimbos que você não sabia que precisava.



Na Burocrata Carimbos, você encontra carimbos que borram a fronteira entre o escritório da firma e a escola primária. Além disso, temos almofadas de tinta, zines e carimbos *ex libris* personalizados.

confira tudo na loja virtual:

loja.burocratacarimbos.com



Teresa Wilms Montt
Texto e tradução de JC Petermann

Autodefinição

Sou Teresa Wilms Montt
e embora eu tenha nascido cem anos antes de você,
minha vida não foi tão diferente da sua.
Eu também tive o privilégio de ser mulher.
É difícil ser mulher neste mundo.
Você sabe disso melhor que ninguém.
Vivi intensamente cada respiração e cada instante da minha vida.
Destilei mulher.
Tentaram me reprimir, mas não puderam comigo.
Quando me deram as costas, eu dei a cara.
Quando me deixaram sozinha, eu dei companhia.
Quando quiseram me matar, eu dei vida.
Quando quiseram me trancar, busquei liberdade.
Quando me amavam sem amor, eu dei mais amor.
Quando tentaram me calar, gritei.
Quando me bateram, respondi.
Fui crucificada, morta e sepultada,
pela minha família e pela sociedade.
Nasci cem anos antes de você
mas te vejo igual a mim.
Sou Teresa Wilms Montt,
e não tenho aptidão para recatadas e do lar.

A noite presenteou o pântano com uma estrela.
Centro da esfera lamacenta irradiava o astro na podridão verde - palácio de répteis.
E em coro ao redor, na lótus-de-veneno erguiam-se sapos, inquietando o sossego dos vales com seu coaxar sinistro.
Despertou a águia, que abandonando a rocha, voou para o plano.
Aquele ponto cintilante marcou seu orgulho.
Acreditou rasgar o azul para roçar um astro e precipitou-se no pântano pútrido.
Levou-se a estrela essa rapina para o fundo, estampada nas asas soberbas.
Explodiram bufando qual instrumento, destrozados - os répteis e os sapos.

Chega todas as noites à minha cama.
Sem ter olhos me olha, sem ter boca me fala, e seu olhar e sua voz são tão profundos quanto o silêncio dos sepultados.
Está muito longe, e está comigo, pensa no meu cérebro e chora nas minhas lágrimas.
Quando procedo mal, Anuarí castiga meus ossos, atravessando-os com o gelo de uma gargalhada sem dentes.

Vestido de chia chegou ontem à noite pelo espelho.
Suas mãos cruzadas sobre o peito saíam em pétalas de açucena pela manga negra.
O abismo de seus olhos engoliu todas as sombras e em meu cérebro fez-se a luz.
Falou sua boca sem palavras como os velhos órgãos das catedrais e disse: Dorme, dorme, o sono é a aurora do dia eterno.

Autodefinición

Soy Teresa Wilms Montt
y aunque nací cien años antes que tú,
mi vida no fue tan distinta a la tuya.
Yo también tuve el privilegio de ser mujer.
Es difícil ser mujer en este mundo.
Tú lo sabes mejor que nadie.
Viví intensamente cada respiro y cada instante de mi vida.
Destilé mujer.
Trataron de reprimirme, pero no pudieron conmigo.
Cuando me dieron la espalda, yo di la cara.
Cuando me dejaron sola, di compañía.
Cuando quisieron matarme, di vida.
Cuando quisieron encerrarme, busqué libertad.
Cuando me amaban sin amor, yo di más amor.
Cuando trataron de callarme, grité.
Cuando me golpearon, contesté.
Fui crucificada, muerta y sepultada,
por mi familia y la sociedad.
Nací cien años antes que tú
sin embargo te veo igual a mí.
Soy Teresa Wilms Montt,
y no soy apta para señoritas.

Regaló la noche al pantano una estrella.
Centro de la esfera fangosa irradiaba el astro en la podredumbre verde, palacio de reptiles.
Y en coro alrededor, lotus de veneno surgían sapos inquietando el sosiego de los valles con el croar siniestro.
Despertó el águila, y abandonando la roca, voló hacia el plano.
El punto fulgurante marcó su orgullo.
Creyó rasgar el azul para rozar un astro y precipitóse al pantano putrefacto.
Llevóse la estrella la rapiña a lo hondo, estampada en las soberbias alas.
Estallaron resoplando cual instrumento, destrozados, los reptiles y los sapos.

Llega todas las noches a mi alcoba.
Sin tener ojos me mira, sin tener boca me habla, y su mirada y su voz son tan hondas como el silencio de los sepultados.
Está muy lejos, y está conmigo, piensa en mi cerebro y llora en mis lágrimas.
Cuando procedo mal, Anuarí castiga mis huesos, atravesándolos del hielo de una carcajada sin dientes.

Vestido de la chía llegó anoche por el espejo.
Sus manos cruzadas sobre el pecho salían en pétalos de azucena por la negra manga.
El abismo de sus ojos tragóse todas las sombras y en mi cerebro se hizo la luz.
Habló su boca sin palabras como los viejos órganos de las catedrales y dijo: Duerme, duerme, el sueño es la aurora del día eterno.



Diante da minha janela fechada pergunto ao tempo quanto mais hei de viver.
As sombras afogam minhas persianas, e mal marca um fino raio de luz.
O relógio tem espasmos de coração enfermo.
Num gesto convulsivo arrastam-se minhas mãos sobre o papel.
Buscam o apoio da terra.

*Frente a mi ventana cerrada pregunto al tiempo cuánto más he de vivir.
Las sombras anegan mis persianas, y apenas marca una delgada raya la claridad.
El reloj tiene titubeos de corazón enfermo.
En un gesto convulsivo se crisan mis manos sobre el papel.
Buscan el apoyo de la tierra.*

Afogou-se minha risada no espelho.
Longo grunhido sinistro lançou à noite o cristal de prata.
Uma, duas... calou-se a hora, metal frio de planeta na rigidez do pântano.
Epilética de febre a lua se lançou às varandas.
E o cadáver da minha risada é uma esmeralda flácida que ao desfazer-se volta à superfície anéis e cruces brilhantes.

*Se ahogó mi risa en el espejo.
Largo crujido siniestro lanzó a la noche el cristal de plata.
Una, dos... calló la hora, metal frío de planeta en la rigidez del páramo.
Epilética de calentura la luna se dio a los balcones.
Y el cadáver de mi risa es una esmeralda blanda que al deshacerse vuelve en la superficie argollas y cruces brillantes.*

Anuarí! Anuarí!
Espírito profundo, volta do caos.
Retorna em moldura misteriosa, hóspede das minhas noites glaciais.
Que teus dedos de sonho pousem sobre minhas pálpebras desveladas.
Feche-as, Anuarí.
Veneno sublime, dá morte ao meu cérebro aterrorizado.
Fica sobre minha fossa sorrindo enigmático.
Sorrisos de além-túmulo, sombra e luz, sorriso tremendo que me aniquilou.
Espírito profundo, volta do caos!
Morreram todas as minhas flores, só resta para tua fome a ferida sangrenta do meu coração partido.
Anuarí, Anuarí. Entrego-me no redemoinho dos astros loucos que se precipitam!
Volta do caos!

*¡Anuarí! ¡Anuarí!
Espíritu profundo, vuelve del caos.
Torna en misteriosa envoltura, huésped de mis noches glaciales.
Que tus dedos de sueño posen sobre mis párpados desvelados.
Ciérralos, Anuarí.
Veneno sublime, da muerte a mi cerebro aterrorizado.
Quédate sobre mi fosa sonriendo enigmático.
Sonrisas de ultratumba, sombra y luz, sonrisa tremenda que me ha aniquilado.
¡Espíritu profundo, vuelve del caos!
Se han muerto todas mis flores, sólo queda para tu hambre la sangrienta herida de mi corazón partido.
Anuarí, Anuarí. ¡Sucumbo en el torbellino de los astros locos que se precipitan!
¡Vuelve del caos!*

 Nascida em Viña del Mar (1893), **Teresa Wilms Montt** casou-se aos 17, mas a crise conjugal, agravada por seus ideais anarquistas e um romance com Vicente Balmaceda, levou-a ao enclausuramento no Convento da Preciosa Sangre (1915). Fugiu em 1916 para Buenos Aires, onde publicou *Inquietudes sentimentales* e *Los tres cantos*. Viajou, publicando *Cuentos para hombres*

que todavía son niños, *En la inquietud del mármol* e *Anuarí*. Reencontrou as filhas em Paris (1920), mas, após a partida delas, consumiu Veronal e morreu em 24 de dezembro de 1921. Seu póstumo *Lo que no se ha dicho* e as *Obras completas* (2023) preservam sua obra. Nas últimas páginas de seu diário, escreveu: “Morir, después de haber sentido todo y no ser nada...”.



Mary Oliver
Tradução de Ana Alice Kohler

MUSIC LESSONS

*Sometimes, in the middle of the lesson,
we exchanged places. She would gaze a moment at her hands
spread over the keys; then the small house with its knick-knacks,
its shut windows,*

*its photographs of her sons and the serious husband,
vanished as new shapes formed. Sound
became music, and music a white
scarp for the listener to climb*

*alone. I leaped rock over rock to the top
and found myself waiting, transformed,
and still she played, her eyes luminous and willful,
her pinned hair falling down—*

*forgetting me, the house, the neat green yard,
she fled in that lick of flame all tedious bonds:
supper, the duties of flesh and home,
the knife at the throat, the death in the metronome.*

ENTERING THE KINGDOM

*The crows see me.
They stretch their glossy necks
In the tallest branches
Of green trees. I am
Possibly dangerous, I am
Entering the kingdom.*

*The dream of my life
Is to lie down by a slow river
And stare at the light in the trees—
To learn something by being nothing
A little while but the rich
Lens of attention.*

*But the crows puff their feathers and cry
Between me and the sun,
And I should go now.
They know me for what I am.
No dreamer,
No eater of leaves.*

AULAS DE MÚSICA

Às vezes, no meio da aula,
nós trocávamos de lugar. Ela observava por um momento suas mãos
espalhadas pelas teclas; e então a pequena casa e suas quinquilharias,
suas janelas fechadas,

os retratos dos filhos e do marido sério
sumiam ao aparecer de novas formas. Som
tornava-se música, e música um penhasco
branco para o ouvinte escalar

só. Me lancei de pedra em pedra até o topo
e me encontrei esperando, transformada,
e, ela tocava, ainda, seus olhos brilhantes e obstinados,
seu penteado caindo—

esquecendo-se de mim, da casa, do jardim verde e ordenado,
escapou, naquelas chamas, de todos os laços enfadonhos:
o jantar, os deveres da carne e do lar,
a faca na garganta, a morte no metrônomo.

AQUELE QUE ENTRA NO REINO

Os corvos me veem.
Estendem seus pescoços lustrosos
Nos galhos mais altos
De árvores verdes. Eu sou
Possivelmente perigoso. Eu sou
Aquele que entra no reino.

Meu maior sonho
É me deitar à beira de um lento rio
E observar a luz entre as árvores—
Aprender algo por nada ser
Por um instante exceto as ricas
Lentes da atenção.

Mas os corvos estufam suas penas e gritam
Entre mim e o sol,
E agora eu deveria partir.
Eles sabem o que eu sou.
Nem sonhador,
Nem comedor de folhas.



Mary Jane Oliver foi uma das
poetas americanas de maior
sucesso do fim do século 20
e início do século 21. Nasceu
em 1935, em Ohio, nos Estados
Unidos, e morreu em 2019 no
estado da Flórida. Vencedora
do Pulitzer Prize de poesia e
do National Book Award, Oliver
publicou mais de 20 livros e
chegou a ser declarada a poeta
mais vendida dos Estados Unidos
em 2007.

Ana Alice Kohler (2005) nasceu
em Brusque (SC) e atualmente
mora em Campinas (SP). É
estudante de Literatura e
estagiária em produção artístico-
editorial de audiolivros.





Casa dos Escritores

marina w

1

Faulkner: A gente deve se aproximar de *Ulisses*, de James Joyce, como os pregadores batistas e analfabetos se aproximam do Antigo Testamento: com fé.

Virginia Woolf: *Ulisses* é prolixo, insuportável e pretensioso.

Borges: Não li *Ulisses*, acho que ninguém leu, não se chega nunca a conhecer os personagens.

Dylan Thomas: Não creio que tenha sofrido influência de Joyce, apesar de admirá-lo enormemente. Li *Ulisses* e seus primeiros contos. Acho que o título do meu livro (*Retrato de um artista quando jovem cão*) não tem nada a ver com o dele (*Retrato de um artista quando jovem*).

Anthony Burgess: James Joyce é o maior. Eu o coloco acima de todos.

Virginia Woolf: Me tornaria com prazer o gato de Shakespeare, o porco de Scott ou o canário de Keats, se assim pudesse compartilhar a convivência destes grandes homens. Mas não atravessaria a rua para jantar com Byron ou Dickens.

Borges: Garcia Lorca sempre me pareceu um poeta menor. Um poeta meramente pitoresco. Ernest Hemingway acabou se matando porque descobriu que não era um grande escritor. Isto o salva, em parte.

Virginia Woolf sobre Katherine Mansfield: Acho que terei que aceitar que sua inteligência é uma fina camada de terra, de um ou dois centímetros de espessura sobre rocha muito estéril. Pois *Bliss* é muito longo para lhe dar oportunidade de ir mais fundo. Escreve mal.

Borges sobre Beckett: Não me interessa em absoluto. Meu pai, que era muito inteligente, me instruiu uma vez a não ler os autores chatos. Fazer tal coisa, insistiu ele, é pecado.

Vargas Llosa: Faulkner foi o primeiro romancista que li efetivamente com lápis e papel na mão, porque sua técnica me deslumbrou.



2

Num grande envelope de papel manilha, **Simenon** colocava os nomes dos personagens, suas idades, suas famílias: “Nada sei acerca dos acontecimentos que ocorrem depois. De outro modo, a narrativa não seria interessante pra mim”.

Dickens, ao escrever, se engasgava de tanto rir diante de seu próprio humor, deixando cair lágrimas sobre a página quando um dos seus personagens morria.

Hemingway escrevia em pé.

Kliping: Para meu tinteiro exijo a tinta mais preta e, se eu estivesse em casa de meu pai, como antes, manteria um rapaz hindu para moer a tinta indiana. Todos os meus blocos de escrever eram feitos para mim, num formato imutável de folhas azuis com margens brancas, que eram por mim extremamente esbanjadas.

Henry James fazia um esboço de cena por cena antes de iniciar o romance.

Faulkner: Ouço vozes. Enquanto escrevo o que as vozes dizem, a coisa está certa. Nem sempre gosto do que as vozes dizem, mas procuro não modificar nada.

Dorothy Parker: Não consigo escrever cinco palavras sem que modifique sete.



“Transitando pela fronteira imprecisa da ficção e da autoficção, André Giusti relata, neste monumental romance, a crise do gato de meia-idade. Um personagem volúvel, por isso contraditoriamente fascinante”

Sérgio Tavares

Só Vale a Pena se Houver Encanto,

de André Giusti. À venda em
www.caoseletras.com.br e na Amazon



marina w nasceu e mora no Rio de Janeiro-RJ. É escritora.



Maurício Simionato

Içá

madrugada de
petrichor
até a içá,
de bundas-
sa, me diz:
“quicá”.
quando sai
ao sol, já sumido,
nem feliz,
nem sã,
após a chuva: lãnsã.
até faz juras de sumiços,
qual tanajura no divã,
a se libertar
nos feixes da noite insana:
qual cheiro de pedra
no cio;
é licor de
chão a correr, mundo afora,
beiradas de meio-fio.

 **Maurício Simionato** (1973) nasceu em Assis (SP) e mora em Campinas (SP). É poeta e jornalista.

Cascos de albatroz

Nem sempre
houve um cavalo
branco nas areias
desta madrugada à beira-
-mar, havia um
cavalo branco,
mas era sobra de pálida memória
arrebatada, à espreita
a me observar com
um olhar já de serpente
qual estrela-anã-branca,
ainda está lá o cavalo
branco da manhã transviva
com suas crinas trançadas,
com seus cascos de albatroz,
em fuga na noite,
nem veloz, nem triste: g a l o p e.
tão somente o mesmo cavalo perdido
um dia sonhado por Mallarmé:

Faca de amolar

Devolver as coisas,
parir a voz
para fazer falar o corpo
onde não se espera
mais que seja:

Persistir na toada,
permitir qualquer fuga
da ausência de si.
“Abismo é queda ou voo?”
Há, por aí, algo que não se costuma dizer
e que não obedece a ninguém.

Onde já se viu
o labirinto da vida
correr de chofre
sobre a fina casca da existência?

Diga-me para onde vais.
Lá fora, há pessoas paralisadas.

Caio em mim, mas ainda assim, danço.
Suspensas são as nossas sombras sobre os nossos olhos.

O que vemos é o que nos parou de olhar.
Uma ínfima parte de mim sobrou
mas já está lá:
entre o copo d’água
e o mar que não há.

Diante da brutal incerteza,
o que poderia aflorar neste dia tão azul?

A vida é faca
sendo amolada
ao som de um blues.



Karla Baptista

Nutricionista do idoso

Intestino, força e alimentação
no dia a dia

CRN-8 15569
@karlacostabap
(41) 98402-3822



Pontos de distribuição do Jornal RelevO (é só chegar e pegar!)

Alagoas MACEIÓ Livraria Novo Jardim Amapá MACAPÁ Biblioteca Pública Elcy Lacerda Amazonas MANAUS Kalena Café O Alienígena da Amazônia Sebo Edipoeira Bahia JUAZEIRO Sebo nas Canelas ILHÉUS Badauê Livros, Discos e Café SALVADOR Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS) Livraria Escariz Ceará FORTALEZA Rede Jangada Literária Reboot Comic Store JUAZEIRO DO NORTE Solaris Sebo Distrito Federal BRASILIA Circulares Livraria Los Baristas Casa de Cafés Oto Livraria Quanto Café Paradeiro 309 Espírito Santo ANCHIETA Lúcia Livraria DORES DO RIO PRETO A Cafeteria MARATAÍZES Marítimo Restaurante e Lounge Bar SÃO MATEUS Livraria Sebo & Arte VITÓRIA Catraia Livros e Leitura Cheiro de Livro Sebo Goias GOIÂNIA Casa Pomar Livraria Palavrear Maranhão SÃO LUIS Rede Ilha Literária Mato Grosso CUIABÁ Raro Ruído Tcha por Discos - Vinyl Store Mato Grosso do Sul CAMPO GRANDE Banca Modular Hâmor Livraria Ramita Cafés DOURADOS Livraria Canto das Letras Sebo Café Leitura Minas Gerais BELO HORIZONTE Amoras Café Café CentoeQuatro Editora UFMG Livraria Casa Literíssima Livraria da Rua Livraria do Belas Livraria Dona Clara Livraria Jenipapo BH Livraria Outlet de Livro Quixote Livraria e Café CÁSSIA Livraria da Praça ITAUBÁ Lume Livraria Sebo da Cris OURO PRETO Rena Café POÇOS DE CALDAS Sebo Travessa Cultural POUSO ALEGRE Sebo Santa Sofia SABARÁ Sou de Minas, Uai SÃO JOÃO DEL REI Adro Mais Centro Cultural Livraria Café Itatiaia Taberna D'Omar SÃO TOMÉ DAS LETRAS Caverna Café TIRADENTES Cafeteria Tiradentes UBERABA Lemos & Cruz Livraria UBERLÂNDIA Domus Brasilis Livraria Maru Café Especial Livraria Plural Sabiá Livros Samsara Espaço Esotérico	Pará BELÉM Casa Arari Livraria e Cafeteria Livraria Boiúna Rede Amazônia Literária Paraíba JOÃO PESSOA Abô Botânica e Café SOLÂNEA Binário Café Paraná ANTONINA Livraria da Barca ARAUCÁRIA Boutique Café Casa Eliseu Voronkoff Panificadora El Grano Porão Cavalo Baio CAMBÉ Espacio La Mezcla CIANORTE Café 513 COLOMBO Livraria e Papelaria Colombo Parque Municipal Gruta do Bacaetava CURITIBA Abuela Plantas Ah! Cafeteria Ainda Bem Café Ao Distinto Cavalheiro Arcádia Sebo & Café Argenta Cafés Asteristico Café Ateliê CADERNO LISTRADO Baba Salim Bardo Tatara Bar do Dante Bar Invasão do Teatro Bar Makiolka Bar Otelo Ben Café Bar Stuart Biblioteca Pública do Paraná Bondinho de Leitura da XV Botanique Oásis Brains Coworking BrauBrau Café 217 Café Cultura (Cabral) Café do Canto Café Degusto Café Encantado Café do Espaço Café do Mercado Café do Viajante Café e Livraria Solar do Rosário Café Lisboa Caffè Per Tutti Centro Caffè Per Tutti Juvevê Casa das Bolachas Casa Luce Cataia Bar Centro Portfolio de Fotografia Coffeeterie Colégio Medianeira Cordelo Café D'House Dalat Café EH Brewing CO. Empório Kaveh Kanes Estação Chelsea Estação Literária Osório Estúdio Latino de Design Estúdio Riachuelo Fabrika Pães & Café Fingen Café Five Lab Floreria Café Bar Fubá Café Fuga Café Fundação Cultural de Curitiba Gabo Livros Gerência Faróis do Saber Giardino Café & Cappuccinaria Gisele Farias Estética Avançada Go Coffee Água Verde Grimm Haus Sebo & Livraria Hype Brasil Itiban Comics Shop Isis Café Janaíno Vegan Bar Joaquim Livraria Jokers Bar La Belle Époque Liquori da XV Livraria Arte & Letra Livraria da Vila Livraria do Chain Livraria Vertov Love City Mabu Hotel Maçã Padaria Mad Jack Beer Lab Maitê Livros
--	---

Mamãe Urso Café Manana Café Manekos Bar Maniacos Brewing Co Manifesto Café MediaLuna Café MoaCoa Café Nex House O Pensador Bar Obrigado Pelos Transtornos Oba Sebo e Livraria Ópera Arte Ópera Garden Café Ostra Bêbada Pão Prosa Padaria América Pango Café & Bar Páprica Vegan Pátio Café Provence Boulangerie Purple Reis Rango de Planta ROS Coffee, Wine & Cocktails Rituais Casa de Café Sala Café Living Santa Cruz Centro Universitário Savarin Music Sebinho FATO Agenda Sebo Kapricho Marechal Sebo Releituras Centro Sebo Releituras Portão Sebo Santos SESC Paço da Liberdade Space Cat Solar do Barão Supernova Coffee Roasters Tangerina Café Teatro Enio Carvalho Teatro Guaira Comunicação Teatro José Maria Santos Telaranha Livraria e Café Temporal Cafés Especiais Tijolo CWB Tumi Café Universidade Positivo Santos Andrade UFPR Prédio Histórico UFPR Reitoria UTFPR Bloco E Utopia Tropical Chocolates Veg e Veg Vicafé Viva la Vegan Waamo Bar FOZ DO IGUAÇU Consciência Café Europa Bar Livraria Kunda GUARAPUAVA A Página Livraria Gato Preto Discos e Livros GUARATUBA Odara Cafés Especiais LONDRINA Kings Café & Bar Londrina Nosso Sebo Olga A Livraria da Cidade MARINGÁ Kings Café & Bar Maringá The Kingdom MORRETES Meu Pé de Serra Café Solar de Morretes Hospedaria Casa 1915 Pousada PATO BRANCO Alexandria Livraria e Cafeteria PINHAIS Café com Lente Jardins Estação Curitiba Café PONTA GROSSA Cripto Cultural Phono Pub Sebo Espaço Cultural 1 Sebo Espaço Cultural 2 Verbo Livraria SÃO JOSÉ DOS PINHAIS Sebo da Visconde SARANDI Espaço Musical Roberto Rezende Pernambuco PETROLINA Café de Bule RECIFE Borsoi Café Café Celeste Casa Mendez Livraria da Praça Livraria do Jardim Livraria Pó de Estrelas Releitura GRAVATÁ Casa Mendez Piauí TERESINA Café Quatro Estações Rio de Janeiro BÚZIOS	Maria Maria Café CABO FRIO Sebo do Lanati DUQUE DE CAXIAS Tecendo uma Rede de Leitura MACAÉ Sebo Cultural Livraria & Cafeteria NITERÓI Livraria Ponte NOVA FRIBURGO Dona Emília Books Jenipapo Livraria NOVA IGUAÇU Baixada Literária Comunitária Judith Lacaz PARATY Livraria das Marés Livraria Muvuca Mar de Leitores RIO DE JANEIRO Biblioteca Marginow Books Livraria Capitu Café Casa 11 Sebo e Livraria Casa Marx Jacaré Livros Livraria Alento Livraria Berinjela Livraria Ceci Livraria e Edições Folha Seca Livraria Prefácio Manga Rosa Café Marofa Bar Patás Café Pequeno Lab Solar dos Abacaxis Triuno Livraria TRÊS RIOS Livraria Favorita VOLTA REDONDA Beleléu Comics Diadorim Livros e Idéias Pontual Shopping Livraria Flamingo Rio Grande do Norte NATAL Sebo Cata Livros Sebo Rio Branco PARNAMIRIM Kave Casa Literária Rio Grande do Sul BENTO GONÇALVES Dom Quixote Livraria e Cafeteria Paparazzi Livraria CANELA Empório Canela CANOAS Pandorga Livros CAPÃO DA CANOA Livraria Praíamar CAXIAS DO SUL Do Arco da Velha Livraria & Café ERECHIM Agridoce Livraria e Sebo GRAMADO Mania de Ler Bookstore PORTO ALEGRE Ábaco Distribuidora e Livraria Brasa Editora Livraria e Bar Café & Galeria Devora CirKula Editora, Livraria e Café Livraria Clareira Livraria Paralelo 30 Macun Livraria e Café Nerdz Rede Beabah Sebo Fulô Sonda Pop Store Ventura Livros Via Sapiens Livraria & Editora Zine Bar & Livraria SANTA MARIA Livraria e Grife UFSM SANTANA DO LIVRAMENTO Ponto do Livro SÃO FRANCISCO DO SUL Miragem Livraria Rondônia CACOAL Nostalgia Sebo e Livraria PORTO VELHO Sebo Entrelinhas VILHENA Dom Quixote Livraria Roraima BOA VISTA Cafeteria Barracão do Poeta Flying Fox Café Santa Catarina BALNEÁRIO CAMBORIÚ Acaiá Café ArtHouse BC Cápsula Livraria BLUMENAU Rocinante Sebo CAÇADOR Livraria Selva Literária
--	---

CHAPECÓ Humana Sebo & Livraria CRICIÚMA Sebo Alternativo FLORIANÓPOLIS O Barbeiro e O Poeta Sebo Ivete JOINVILLE Ambiente Arejado Casa 97 Koda Café Bistrô Salvador Vegan Café, Livros e Discos LAGES Livraria Sebo Marechal LAGUNA Livraria Coruja Buraqueira PORTO UNIÃO Porto Presentes Papelaria SÃO BENTO DO SUL Dom Quixote Livros TUBARÃO Consulato Livraria VALINHOS Livraria Armazém São Paulo AMPARO Livraria Murad Sebo ARARÁQUARA Livraria Murad Sebo BOTUCATU Sebo Alfarrábio CAMPOS DO JORDÃO História sem Fim CAMPINAS Café Arte & Cultura ESTRELOTECA Biblioteca Comunitária Iluminações Livraria Livraria Candeeiro Sabiá Discos Sebo Porão Sebo Contracultura Sebo das Andorinhas COTIA Livraria 3x4 DIADEMA Sebo Campanário FRANCA Almanaque Livraria e Sebo GUARULHOS Guarulvivos ILHA COMPRIDA Pousada Canto da Ilha ITATIBA Livraria Toque de Letras ITUPEVA Livraria e Sebo Pedras Preciosas JUNDIAÍ Livraria Leitura MOGI-MIRIM Banca do Sardinha MONTEIRO LOBATO Livre Livraria PENÁPOLIS Arcana Sebo e Taverna PIRACICABA Sebo do Formiga POÁ Rara Books Livraria RIBEIRÃO PRETO A Degustadora de Histórias Livraria da Travessa Ribeirão SANTOS Livraria Sol e Lua Realejo Livros SANTO ANTÔNIO DO PINHAL Livraria Mantiqueira SÃO BERNARDO DO CAMPO Mandú Café SÃO CAETANO DO SUL Casa das Ideias SÃO CARLOS Livraria EDUFSCAR SÃO JOÃO DA BOA VISTA
--



CHAPECÓ Humana Sebo & Livraria CRICIÚMA Sebo Alternativo FLORIANÓPOLIS O Barbeiro e O Poeta Sebo Ivete JOINVILLE Ambiente Arejado Casa 97 Koda Café Bistrô Salvador Vegan Café, Livros e Discos LAGES Livraria Sebo Marechal LAGUNA Livraria Coruja Buraqueira PORTO UNIÃO Porto Presentes Papelaria SÃO BENTO DO SUL Dom Quixote Livros TUBARÃO Consulato Livraria VALINHOS Livraria Armazém São Paulo AMPARO Livraria Murad Sebo ARARÁQUARA Livraria Murad Sebo BOTUCATU Sebo Alfarrábio CAMPOS DO JORDÃO História sem Fim CAMPINAS Café Arte & Cultura ESTRELOTECA Biblioteca Comunitária Iluminações Livraria Livraria Candeeiro Sabiá Discos Sebo Porão Sebo Contracultura Sebo das Andorinhas COTIA Livraria 3x4 DIADEMA Sebo Campanário FRANCA Almanaque Livraria e Sebo GUARULHOS Guarulvivos ILHA COMPRIDA Pousada Canto da Ilha ITATIBA Livraria Toque de Letras ITUPEVA Livraria e Sebo Pedras Preciosas JUNDIAÍ Livraria Leitura MOGI-MIRIM Banca do Sardinha MONTEIRO LOBATO Livre Livraria PENÁPOLIS Arcana Sebo e Taverna PIRACICABA Sebo do Formiga POÁ Rara Books Livraria RIBEIRÃO PRETO A Degustadora de Histórias Livraria da Travessa Ribeirão SANTOS Livraria Sol e Lua Realejo Livros SANTO ANTÔNIO DO PINHAL Livraria Mantiqueira SÃO BERNARDO DO CAMPO Mandú Café SÃO CAETANO DO SUL Casa das Ideias SÃO CARLOS Livraria EDUFSCAR SÃO JOÃO DA BOA VISTA
--

Bonnie Book Livraria & Café SÃO JOSÉ DO RIO PRETO Livraria Casa Nynho Livraria do Espaço SÃO JOSÉ DOS CAMPOS Livraria Mantiqueira Livraria e Papelaria Amo Ler Oriente Livraria Planalto SÃO PAULO A Banca de Livros Banca Tatui Bar Balcão Bibla Boutique dos Livros Café Colombiano Café no Jardim 53 Caledônia Whisky & Co Casa Brasília Casa Cosmos Casa de Livros Cidade de Papel Círculo Livraria Clarice Café & Cozinha Coffee Lab Cornix Book Shop Diálogos Embalados e Viagens Pedagógicas Espaço Sôphía Flanarte Livraria Instituto Sarath La Librería Livraria Bandolim Livraria Cabeceira Livraria Caraíbas Livraria da Tarde Livraria das Perdizes Livraria Lovely House Livraria Na Nuvem Livraria Novesete Livraria Ponta de Lança Livraria Sebo Tucambira Livraria Sentimento do Mundo Livraria Simples Livraria Tutear Livraria UNESP Livraria Zaccara LiteraSampa - IBEAC Lop Lop Livros Mi&Mo Gato Café Mundos Infinitos Museu do Livro Esquecido N'alma Café Nigra Koro Distro O Bode Quirino Café e Livraria O Café da Ponta Patuá Discos Patuscada Livraria, Bar & Café Sabiá Discos Sebinho da Helô Sebo Alternativa Sebo Desculpe A Poeira Sebo do Messias Sebo Pura Poesia Selecta Livros Sissi Café Boutique sobinfluência UGRA PRESS VINHEDO Sebo Vinhedo Sergipe ARACAJU Livraria Escariz Tocantins PALMAS Sebo da Vovó Além das fronteiras ESSEN (ALEMANHA) Pension Pöppers PUERTO IGUAZÚ (ARGENTINA) Tao Librería de Iguazú LETICIA (COLOMBIA) CUBO Blanco Galería de Arte & Café Cultural RIVERA (URUGUAI) Eclipsamor Libros

Trecho de *A Terra Inútil*

T.S.Eliot

Tradução de Paulo Mendes Campo

Na hora violeta, quando os olhos e a espinha
Desprendem-se da mesa de trabalho, quando a máquina humana espera,
Como um táxi, palpitando, espera,
Eu, Tirésias, cego embora, palpitando entre duas vidas,
Um ancião de enrugados peitos femininos, posso ver
Na hora violeta, a hora crepuscular que se empenha
A caminho de casa, e faz voltar do mar o marinheiro,
E a datilógrafa, à hora do chá, tira a mesa do café,
Acende o fogo, e prepara a sua refeição de conservas.
Perigosamente penduradas fora da janela,
Secam suas combinações, beijadas pelos últimos raios do sol.
Sôbre o divã (sua cama à noite) empilham-se
Meias, chinelas, corpetes, espartilhos.
Eu, Tirésias, um ancião de tetas enrugadas,
Observada a cena, predisse o resto...



T.S. Elliot (1879-1955) foi um poeta norte-americano.

Rodrigo Garcia Lopes (1965) é escritor, jornalista e tradutor. Nasceu em Londrina e mora em Florianópolis.